

Anfitrião
ou
Júpiter e Alcmena

de António José da Silva (O Judeu)

*Ópera que se representou na Teatro do Bairro
Alto de Lisboa, no mês de Janeiro de 1736.*

ARGUMENTO

Júpiter, marido da Deusa Juno, por gozar da formosura de Alcmena, mulher de Anfitrião, General dos Tebanos, se transforma em Anfitrião, por conselho de Mercúrio, Embaixador dos Deuses, tomando este também a forma de Saramago, criado de Anfitrião, para ajudar que Júpiter consiga o seu intento, por meio dos seus enganos; o que Júpiter consegue, introduzindo-se em casa de Alcmena com o nome de Anfitrião, acompanhando-o Mercúrio, que toma o nome de Saramago, estando Anfitrião ausente de Tebas contra El-Rei dos Tebanos, donde vindo vitorioso, por ter morto ao mesmo Rei, Júpiter lhe usurpa o triunfo com que em Tebas o esperavam, ficando juntamente laureado Júpiter dentro do mesmo Senado com a ilusão da figura e nome de Anfitrião, o qual, voltando para a cidade de Tebas, já na sua própria casa é preso por Tirésias, ministro de Tebas, juntamente com Alcmena, e condenados à morte, por indústria e vingança da Deusa Juno, que se disfarça com o nome de Flérída em casa de Anfitrião. Mas enfim. como inocentes do imposto delito, são livres de serem sacrificados, por declaração de Júpiter, que sustenta o engano até ao fim, e deixa em Alcmena, por sua descendência, o esclarecido, fortíssimo e nunca vencido Hércules. O mais se verá no contexto da Obra.

INTERLOCUTORES

ANFITRIÃO, marido de Alcmena

JÚPITER, marido de Juno

MERCÚRIO, criado de Jupiter

TIRÉSIAS, ministro de Tebas

POLIDAZ, capitão Tebano

SARAMAGO, criado de Anfitrião, gracioso

ALCMENA, mulher de Anfitrião

JUNO, mulher de Júpiter

ÍRIS, criada de Juno

CORNUCÓPIA, velha, criada de Alcmena

A cena se representa em Tebas.

CENAS DA I PARTE

- I. Sala Empírea de Júpiter.
- II. Câmara.
- III. Praça com pórtico.
- IV. Selva com respaldo de Palácio.
- V. Sala.
- VI. Selva com respaldo de Palácio, e depois no meio um arco triunfal, e deste para diante vista de casas, e para trás de selvas até o fim.
- VII. Sala Senatória.

CENAS DA II PARTE

- I. Ante-sala.
- II. Câmara.
- III. Sala.
- IV. Bosque.
- V. Jardim com fonte.
- VI. Cárcere.
- VII. Templo de Júpiter.
- VIII. Sala Empírea de Júpiter.

PARTE I

CENA I

Sala Empírea de Júpiter, donde estará este assentado em um trono, e Mercúrio mais abaixo, e depois se tirarão do trono e Júpiter trará na mão uma estátua de Cupido, que se dividirá a seu tempo.

CORO

*O Númen supremo
Do Olimpo Sagrado
Suspira abrasado
De um cego furor.
Que pasmo! Que assombro!
Que voe tão alto
A seta do amor!*

JÚPITER – Cesse a canora harmonia que forma o alterno movimento dos Celestes globos; que é razão emudeçam as consonâncias quando a maior Deidade se lamenta. Não moduleis os supremos atributos de minha Divindade: cantai, ou, para melhor dizer, chorai em dissonantes melodias o irremediável de minha mágoa, a violência de meu tormento e o insofrível de minha dor.

MERCÚRIO – Júpiter Soberano, a quem não admira ver que a maior Deidade que admiram as esferas enlute com suspiros as diáfanas luzes do Firmamento? Se em teu poder existem os raios, porque não castigas a causa sacrílega de teus pesares?

JÚPITER – Ai, Mercúrio, que este raio, que ignominiosamente adorna a minha Omnipotente dextra, é o que agora se fulmina contra o meu peito! Não é esta aquela trissulca chama que devorou a soberba dos Ancélados e Tifeus; é, sim, a frágua de todos os raios, a fúria de todas as fúrias e o estrago de todos os estragos; e, para melhor dizer, é o simulacro de Cupido, cuja voadora seta, penetrando as eminências do monte Olimpo, sacrilegamente atrevida, chegou a penetrar a imunidade do meu peito. E assim, como ofendido e lastimado, já que nesse rapaz tirano, nesse Monstro, nesse Cupido, não posso vingar o mal que padeço, quero ao menos na sua estátua debuxar as linhas da minha vingança.

MERCÚRIO – Explica-me, Senhor, a causa de tanto excesso, que suposto sejas o mais sábio de todos os Deuses, também não duvidas que sou Mercúrio, inventor das subtilezas e estratégias. E assim, já que o teu entendimento se acha preocupado de um frenético delírio, com maior razão poderei eu acertar na cura de teus males.

JÚPITER – Pois atende, Mercúrio.

Canta Júpiter a seguinte Ária e

Recitado

*Eu vi a Alcmena. Ai, Alcmena ingrata!
Aquele, cujo assombro peregrino
Foi rémora atractiva, que atraindo
A isenção de toda esta Divindade,*

*Por ela em vivas chamas
Extremoso suspiro,
Querendo, amante em lânguidos delíquios,
Sacrificar-me todo nos altares
Desta melhor, mais bela Citereia.
E por mais que publico em triste pranto
Tanto amor, tanto incêndio, extremo tanto,
Nem por isso Cupido com passivo
Alívio facilita ao meu tormento;
Antes, porém, mais bárbaro e tirano,
Por vingar-se talvez de meus poderes,
Dificulta o remédio às minhas ânsias.
E, pois, cruel amor, falsa Deidade,
O suspiro que exalo não te abranda,
O impulso feroz de meus rigores
Saberá castigar-te, lacerando
Teu simulacro,
Que em átomos partido*

(Despedaça a estátua)

*Dos ventos serás rápido despojo.
Sinta pois (ai de mim!) a minha ira,
Quem contra o Deus Tonante assim conspira.*

Ária

*De amor todo abrasado
Me sinto quase louco,
E aflito pouco a pouco,
Me vai faltando a vida,
Me vai matando a dor.
Ai, querida ingrata Alcmena,
Quanto susto e quanta pena,
Me provoca o teu rigor!*

MERCÚRIO – Ora, Senhor, se Alcmena é a causa por que suspiras e só desejas conseguir a delícia de sua formosura, verás como alcanças o que procuras.

JÚPITER – De que sorte?

MERCÚRIO – Eu te digo, dá-me atenção: bem sabes, Senhor, que Anfitrião, marido de Alcmena, se acha ocupado na guerra dos Telebanos contra El-Rei Terela, e parecia-me que, tomando tu a forma de Anfitrião, fingindo teres já chegado da guerra, podias fielmente, sem experimentares os rigores e desdêns de Alcmena, conseguir dela o que desejas, porque vendo ela em ti copiada a imagem e figura de seu esposo Anfitrião, como a tal te facilitaria o mesmo que agora como a Júpiter te nega.

JÚPITER – Só tu, Mercúrio, com as tuas subtilezas podias dar em tão subtil ideia, pois com ela já posso chamar-me venturoso e, para principiar a sê-lo, já me vou disfarçar na forma de Anfitrião e depor a majestade de meus raios: oh! quem dissera que, para eu alcançar a formosura de Alcmena, deixe os resplendores do Olimpo!

MERCÚRIO – Para que se logre melhor a empresa, eu também irei contigo disfarçado na figura do criado de Anfitrião, chamado Saramago, ajudar-te a lograr o teu intento.

JÚPITER – Não deixo de agradecer-te, Mercúrio, que por amor do meu amor tomes a figura de um laçao esqualido e sórdido.

MERCÚRIO – Senhor, o ofício de Corretor nunca esteve mal a Mercúrio, quanto mais que, para servir-te, desejo transformar-me ainda na mais vil criatura.

JÚPITER – Pois não dilatemos a empresa. Vamos, Mercúrio, e seja esta noite o dia de minha ventura.

MERCÚRIO – Vamos, Júpiter, a levar um passatempo na terra.

JÚPITER – Já não se me dá que repita festivo o Celeste coro, pois que já posso cantar o meu triunfo.

Canta o Coro como no princípio

*O Númen supremo
Do Olimpo Sagrado, etc.*

CENA II

Sai Alcmena e Cornucópia

CORNUCÓPIA – Senhora Alcmena, eu não cuidei que vossa mercê era tão extremosa nem que tomasse as penas tanto a peito.

ALCMENA – Se tu, Cornucópia, souberas sentir ausências, ainda acharias diminuto o meu sentimento, pois apenas lograva nos braços de Anfitrião as delícias do mais venturoso himeneu. quando Marte mo levou dos olhos para a guerra dos Telebanos. Mas ai, Anfitrião querido, que se foste para a guerra, em outra maior me deixaste, pois no combate das memórias e nos repetidos golpes das saudades me vejo quase sem alentos.

CORNUCÓPIA – Ai, Senhora, basta de guerrear. Faça por um pouco tréguas com o sentimento, e quando não aparelhe-se, que em dois dias morrerá tísica e ética.

ALCMENA – Eu não sou como tu, que na ausência de teu marido Saramago não tens deitado uma lágrima ao menos. Mas o certo é que as néscias não sabem sentir.

CORNUCÓPIA – Antes quero ser néscia alegre, que discreta chorona. E, na verdade, que seria grande asneira estar-me eu cá matando, fazendo mil choradeiras, e Saramago nesse tempo talvez que se esteja regalando lá na guerra, comendo com os seus amigos o rico pão de munição. Pois não, minha Senhora, eu não quero morrer senão quando Deus me matar.

ALCMENA – Isso não é teres amor a teu marido.

CORNUCÓPIA – Pois eu que hei-de fazer? De duas uma: ou hei-de sentir mais que vossa mercê ou não; sentir mais é impossível; sentir menos não é brio meu. E assim, entre o mais e entre o menos me deixo ficar. Assim, nem mais nem menos.

ALCMENA – Olha, néscia, quando para sentir esta ausência não fosse bastante o mal da saudade, bastava imaginar em que na guerra estão em continuo perigo, onde é mais certa a morte do que a vida.

CORNUCÓPIA – Ai, Senhora, dessa me rio eu. Segura estou de que o meu Saramago haja de morrer na guerra.

ALCMENA – E que certeza podes ter disso?

CORNUCÓPIA – Porque eu sempre ouvi dizer que as balas traziam sobrescrito e eu sei muito bem que o meu Saramago nunca se cartou com balas.

ALCMENA – Ora vai-te daqui, que estás mui louca.

CORNUCÓPIA – Digo-te isto só para ver se alivias a tua saudade.

ALCMENA – Este mal se não cura com palavras. Deixa-me, Cornucópia, que a minha pena só acha alívio no pranto.

CORNUCÓPIA – Ora a culpa tenho eu em dizer-lhe que não chore! Chore, chore até rebentar, que eu vou-me meter na cama, que estou pingando com sono.

(Vai-se.)

ALCMENA – Querido Anfitrião, já que a tirana ausência me impossibilita o ver-te, quero reproduzir-te nas lágrimas que choro, que, como estas são filhas do amor, talvez que nelas te encontre.

Canta Alcmena o seguinte

Minuete

*Tirana ausência
Que me roubaste
E me levaste
Da alma o melhor.
Se ausente vivo
Já sem alento,
Cesse o tormento
Dê teu rigor.
Ai de quem sente
De um bem ausente
A ingrata dor!
Se eras minha alma,
(Ai prenda bela!)
Como sem ela
Com alma estou!
Porém já vejo
Que em meu delírio
Para o martírio
Para o martírio
Só viva estou.
Ai de quem sente
De um bem ausente
A ingrata dor!*

(Sai Cornucópia)

CORNUCÓPIA – Alvissaras, Senhora, alvissaras.

ALCMENA – Que é isso, Cornucópia?

CORNUCÓPIA – Que há-de ser, Senhora? Ai, Senhora, alvissaras.

ALCMENA – Alvissaras de quê?

CORNUCÓPIA – Sabe que mais?

ALCMENA – O quê?

CORNUCÓPIA – Pois saiba que... ai, Senhora, alvissaras, que aí vem meu marido Saramago.

ALCMENA – Há maior loucura? Essas alvissaras pede-as a ti mesma.

CORNUCÓPIA – Não, Senhora, que com ele vem o Senhor Anfitrião.

ALCMENA – Que dizes? Isso não pode ser.

(Sai Júpiter com a forma de Anfitrião e Mercúrio com a de Saramago)

JÚPITER – Sim, pode ser, querida Alcmena, que os impossíveis só se fizeram para os que verdadeiramente amam. Dá-me os teus braços, que o ver-me descansar neles foi sempre foi o meu desejo. *(à parte)* Ainda não creio o bem que possuo.

ALCMENA – Amado Anfitrião, querido esposo, permite-me que por um pouco não creia a fortuna que alcanço, que a considerar ser certa tanta felicidade morrera de alegria.

MERCÚRIO *(à parte)* – Muito bem se finge Júpiter e melhor se engana Alcmena.

ALCMENA – É possível que te vejo, Anfitrião?

JÚPITER – Mais impossível me parece a mim, Alcmena, pois sempre me pareceu impossível que me visse em teus braços.

ALCMENA – Bem sei que trazias muito arriscada a vida entre os inimigos na guerra.

JÚPITER – Maior inimigo encontrava eu na guerra do amor, cujas setas, mais do que as lanças dos inimigos, me feriam o coração.

ALCMENA – Não sei se acredite essa lisonja...

JÚPITER – Lisonja chamas ao que é realidade? Pouco conceito fazes do meu amor.

ALCMENA – Sempre ouvi dizer que, dos quatro remédios contra o amor, um deles era a distância. E como te achavas ausente, bem podia ser que se perdesse no caminho, por distante.

JÚPITER – Pois, Alcmena, por Júpiter Soberano te juro que nem a distância que há do Céu á terra seria bastante para fazer-me esquecer de ti. E se te parece incrível a minha fineza naquela distância, afirmo-te que sempre intensivo o meu amor ardeu em tão activos incêndios que do peito, aonde se acenderam, quiseram passar, abrasando a mesma Esfera do Fogo ou ao Céu das chamas, que é o mesmo Empíreo.

MERCÚRIO – Bem o pode crer, Senhora Alcmena, e muito mais ainda, pois lhe afirmo que o Senhor Anfitrião ainda não diz ametade do que é.

ALCMENA – Só reparo, Anfitrião, que antes da tua ausência nunca te ouvi expressões tão finas. E quando cuidei que a guerra te fizesse menos terno, acho que te fez mais amante, e assim me parece que mais vens da escola de Cupido que da palestra de Marte.

JÚPITER – Não sabes que o amor nasceu entre o estrépito das armas, sendo o artífice destas o progenitor de Cupido? Pois como pode o amor estranhar as armas e asperezas de Marte, se com elas se embalava Cupido no berço, para crescer o amor nos corações? E, se te parece que antes da minha ausência era menos amante, seria porque, como o bem depois de perdido é que se estima, por isso, quando ausente te perdi, é que soube perder-me por ti e achar um verdadeiro amor com que te idolatrasse. E quando tudo isto te pareça quimera, supõem, Alcmena, que não sou aquele Anfitrião passado, mas sim outro Anfitrião mais amante.

MERCÚRIO *(à parte)* – Eu nunca vi a Júpiter tão derretido.

CORNUCÓPIA – Ai, Senhora, não apure mais ao Senhor Anfitrião; creia o que

lhe diz, que ele não é homem de duas caras.

MERCÚRIO – Mal o sabes tu.

CORNUCÓPIA – E assim permita-me licença de abraçar a meu amo, que estou chorando pelas barbas abaixo com gosto de o ver. Ai, meu Senhor, benza-o Deus! Bons olhos o vejam! Como vem bem disposto, claro, rosado e resplandecente! Tome, tome duas figas, que lhe não quero dar quebranto.

JÚPITER – Nunca esperei menos do teu amor.

CORNUCÓPIA – Saramago, nós logo falaremos à nossa vontade.

MERCÚRIO – Por isso estou já rebentando.

ALCMENA – Saramago, tu não me falas? Chega-te cá.

MERCÚRIO – Senhora Alcmena, sempre a boca fala tarde quando madruga o desejo. Pois desejo que vossa mercê tenha cumprido o seu desejo na vista do seu Anfitrião tão desejado.

ALCMENA – Sempre te agradeço o cuidado com que fiel acompanhaste a teu amo.

MERCÚRIO – Meu amo, Senhora, é tão amante que todo se transforma em carinhos para atrair os corações.

ALCMENA – Dize-me, Anfitrião, vens vitorioso dos nossos contrários?

JÚPITER – Claro está, formosa Alcmena, que me considero já vitorioso do maior inimigo: cheguei a Teleba, acometeu-me El-Rei Terela com um poderoso exército; investiram os nossos aos Telebanos, ainda que poucos, com tão Marcial furor que em menos de duas horas desbaratámos os contrários. E para que fosse completo o triunfo, perdeu El-Rei a vitória com a vida, ganhando nós o despojo com o laurel: enriqueceram-se os Soldados com o saque, no qual reservei esta jóia, que no elmo trazia El-Rei Terela, cujo primoroso artifício só é merecedor de empregar-se em teu peito. Aceita-a, pois, que não será a primeira vez que se coroe Vénus com os despojos de Marte.

(Dá a jóia.)

ALCMENA – Tanto pela obra, como pela matéria, é digna de estimação.

CORNUCÓPIA – Ai, Senhora, que galante suciler³⁶! E como brilha! Parece-me um caga-lume.

ALCMENA – Não dirás Perilampo, que é mais próprio?

CORNUCÓPIA – Tanto faz Perilampo como caga-lume, que tudo é o mesmo. Mas ainda assim aquele diamante verde é bem brilhante!

JÚPITER – Alcmena, vamos a descansar, que venho fatigado da jornada e tenho de madrugada de voltar para o Arraial, aonde me esperam os Capitães, para darmos entrada pública como triunfantes. E, como o meu amor impaciente não sofre dilacões, quis vir furtivamente esta noite aliviar a minha saudade.

ALCMENA – Já me admirava, Anfitrião, que fosse completa a minha alegria. Vamos, Anfitrião.

(Vai-se)

JÚPITER – Vamos, Alcmena. Cruel amor, já triunfei dos teus rigores. Mercúrio, vigia, não venha alguém.

(Vai-se.)

MERCÚRIO – Vai descansado, que eu rondarei o bairro.

CORNUCÓPIA – Agora sim, meu belo marido, meu querido Saramago, é tempo de nos racharmos com abraços. Vem cá, filigrana animada. Vem cá, meu brinquinho de junco, que te quero meter todo no meu coração.

MERCÚRIO – Não seria melhor que, em lugar desses carinhos, me desses tu de cear, que venho estalando com fome e palavras não fazem sopas?

CORNUCÓPIA – Também nosso amo teria bastante fome e contudo esteve dizendo a nossa ama tanta cousa galantinha que faria derreter uma pedra.

MERCÚRIO – Com que é o mesmo nossos amos do que nós? Eles casadinhos de um ano e nós há um século? Eles Senhores e rapazes, e nós velhos e moços? Eles dous jasmíns e nós dous lagartos? E, finalmente, eles com amor e nós, ou pelo menos eu, sem nenhum?

CORNUCÓPIA – Pois tu não me tens amor?

MERCÚRIO – De tanto amor que te tenho, me faz que te não tenha nenhum, pois todo o extremo degenera em vício.

CORNUCÓPIA – Eu não sei que seja vício o querer bem com extremo.

MERCÚRIO – Olha: o querer pouco é asneira; o querer muito é parvoíce. E como no amor não há meio, ignoro o meio de te ter amor.

CORNUCÓPIA – Ora o certo é que pior é fazer festa a vilões ruins. Por estas, que se tu souberas a mulher que tens, que outra cousa fora; talvez que se eu fora alguma destas bonecrinhas enfeitadas, que me quiseras mais. Porém a culpa tenho eu em não aceitar o que me davam nas tuas costas.

MERCÚRIO – Irra! Quem é que se atrevia a dar nas minhas costas?

CORNUCÓPIA – Não digo isso. O que digo é que tive a culpa de não aceitar o que me davam por detrás de ti.

MERCÚRIO – Pois ainda estás em tempo de aceitar o que eu dou por detrás.

CORNUCÓPIA – Não me entendes? Digo que não faltou quem, na tua ausência, me acenasse não só com lenços mas também com moedas.

MERCÚRIO – Tanto mal fizeste em não aceitares as moedas ao mínimo aceno que com elas te fizeram.

CORNUCÓPIA – Não, que isso não estava bem á tua pessoa e muito menos á tua honra.

MERCÚRIO – Pois o receber moedas é alguma desonra?

CORNUCÓPIA – Ai, apelo eu! Deus me livre! Você está doudo?

MERCÚRIO – Coitadinha, não te faças tão arisca. Ora dize-me: tu queres persuadir-me que achaste quem te namorasse com essa cara?

CORNUCÓPIA – Só tu puderas dizer isso da minha cara na minha cara. Pois olha, outros a beberiam mais aguada.

MERCÚRIO – Mais aguada sim, porém mais untada não.

CORNUCÓPIA – Graças a Deus, é cousa que nunca pus na minha cara. Olhe, veja bem, cá não há disso.

MERCÚRIO – Pois melhor fora que te untasses.

CORNUCÓPIA – Pois porquê?

MERCÚRIO – Porque ao menos com o solimão matarias essa cara que tão matadora é.

CORNUCÓPIA – Mais matador és tu, que estás a frouxo⁴, no jogo do desdém.

MERCÚRIO – Valha-te o diabo, que nunca perdeste a manha de presumida! Não vês ao espelho essa cara de desmamar meninos?

CORNUCÓPIA – Quando tu me namoraste para casar, não viste que eu era feia?

MERCÚRIO – Cegou-me o diabo, porém não o amor.

CORNUCÓPIA – Ora vai-te, que já não posso aturar os teus desaforos. E agradece ser isto fora de horas, quando não eu te arrancara essa língua. Porém nos encontraremos.

(Vai-se)

MERCÚRIO – Muito me deve Júpiter, pois por sua causa aturo os despropósitos desta velha.

(Vai-se)

CENA III

Praça com pórtico. Sai Sara mago e canta a seguinte

Ária

*Venho da guerra e vou para casa,
Venho da guerra e vou para a guerra.
Se há guerra na guerra.
Há guerra na casa,
A casa da guerra
É a guerra da casa.
Venho da guerra e vou para a guerra,
Venho da guerra e vou para casa.*

(Repres.). – E, quando nada, estamos em frente da nossa casa, que mal cuidei que o tornasse a ver! Ah Senhores, grande cousa é o buraco da nossa casa, mais que seja esburacada, que mais vale a casa com buracos do que o corpo com os das balas. E, pois elas passaram sem eu ficar passado, vamos ao caso! Parece-me que já estou vendo chegar eu á porta e petiscar no ferrolho, chegará janela a minha Cornucópia e, apenas me vê, lança-se logo da janela abaixo e leva-a o diabo de meio a meio; e ali se abraça comigo e eu com ela, e assim todos juntos acharmos a Senhora Alcmena e logo perguntar-me: que novas me dás do meu Anfitrião? E eu apressado lhe respondo: ele fica com saúde com uma perna quebrada e, para livrar-te de sustos, aqui me envia, que por esta via te diga que ele rebenta aqui até pela manhã e que no entanto te vás divertindo com esta jóia, que foi de El-Rei Terela, a qual te manda por mim, que sou muito fiel. E não há dúvida que Alcmena, vendo a jóia e ouvindo a notícia, me mete á força na algibeira vinte dobrres. E se isto há-de ser assim, não te dilates, Saramago, que se agora és Saramago verde na esperança do prémio, logo serás Saramago maduro na posse do fruto. Ora vamos andando para casa, que já a Aurora em gargalhadas de luzes começa a rir-se com as cócegas do Sol.

(Ao ir-se, sai da porta um cão, que ladrará todas as vezes que se vir este sinal)*

Ladra

Mau, mau! Que e isto? Ronda? Que escapasse eu da barafunda da batalha e que só de malsins não possa livrar-me! * Pergunta quem sou? Sou Saramago, que vou para casa de minha ama, a Senhora Alcmena.* Que armas trago? Eu não tenho armas, que

sou mecânico.* Donde venho? E a ele que lhe importa?*** Tenha mão. A que d'El-Rei! Esperem vocês, que eu cuidei que era gente e é um cão! Ora vejam o que faz o medo! É cão, não há dúvida! Ai, que é a cadela de minha mulher, que dormiu fora esta noite rondando algum osso! Olhem a festa que me faz! Pois eu também hei-de corresponder-lhe, que agora uma cadela não há-de ser mais cortês do que eu.

(Canta Saramago, ladrando sempre o cão, a seguinte)

Ária

*Coitadinha da cadela
Que faz ela?
Como pula! Como salta!
Não te esfalfes, anda cá,
Passa aqui, cadela, tá.
Mas ai, ai, que me mordeu!
Passa fora,
Toma, perro, grunhe agora,
Por que saibas quem eu sou.*

Grunhe o cão.

(Ao ir entrar Saramago, sai Mercúrio na forma de Saramago)

MERCÚRIO – Este é o criado de Anfitrião. Quero estorvar-lhe que não entre. Quem vem lá?

SARAMAGO – Quem lá vai? Mas que lhe importa a ele que eu entre pela minha porta?

MERCÚRIO – Porque esta porta é minha e por ela não há-de entrar ninguém, se não disser quem é. E assim, ou diga quem é ou vá-se embora. E quando não, irá aos empurrões.

SARAMAGO – Está galante impurração, perguntar-me o Senhor o que quero eu na minha casa!

MERCÚRIO – Qual casa?

SARAMAGO – Esta de alto a baixo, que é minha, pela mercê que me faz meu amo, o Senhor Anfitrião.

MERCÚRIO – Qual Anfitrião? Este que agora veio da guerra?

SARAMAGO – Pois eu não sei que haja outro no Mundo.

MERCÚRIO – Pois ele é teu amo?

SARAMAGO – Esse mesmo em carne viva.

MERCÚRIO – Homem, entendo que estás sonhando.

SARAMAGO – Não há dúvida que eu sempre sonho em fazer a vontade a meu amo, o Senhor Anfitrião.

MERCÚRIO – Homem insensato, sabes o que dizes? Não vês que esse Anfitrião é meu amo?

SARAMAGO – Ora sou criado de vossa mercê. Como pode ser teu amo, se ele não tem outro criado senão eu? E senão dize-me: como te chamas tu?

MERCÚRIO – Chamo-me Saramago.

SARAMAGO – Saramago? Pior é essa! E eu então que sou, visto isso?

MERCÚRIO – Quem tu quiseses ser.

SARAMAGO – Pois eu quero ser Saramago, ainda que não queira.

MERCÚRIO – Pois, magano, levarás dous murros pelo atrevimento de tomares o meu nome.

SARAMAGO – Tenha mão, Senhor, veja que o *do, das*, se não dá pelos *nominativos*.

MERCÚRIO – Pois dize-me na verdade quem és, senão vou desandando outro murro.

SARAMAGO – Que quer vossa mercê que eu diga? Se digo que sou Saramago, diz que minto; se digo que o não sou, também minto; e assim, não quero que me diga: *inter ambobus errasti*.

MERCÚRIO – Visto isso, ainda tens para ti que és Saramago?

SARAMAGO – Eu bem o não quisera ser, só por dar gosto a vossa mercê.

MERCÚRIO – Ora dize, não tenhas medo.

SARAMAGO – Direi, se fizer tréguas na guerra do murro seco.

MERCÚRIO – Eu te prometo. Dize: quem és?

SARAMAGO – Conhece vossa mercê Anfitrião?

MERCÚRIO – Pois não hei-de conhecer a meu amo?

SARAMAGO – Conheceu vossa mercê em casa de Anfitrião um criado esgalgado, cara de piolho ladro, corpo de parafuso, pernas de disciplina, com um pé de cantiga e outro pé de vento?

MERCÚRIO – Não estou lembrado.

SARAMAGO – Era um criado, muito mal criado, chamado Saramago.

MERCÚRIO – O patife, insolente, assim me trata com tão vis vocábulos?

SARAMAGO – Não, Senhor, que esse era eu.

MERCÚRIO – Aqui não há eu senão eu! Já tenho alcançado quem és: ó lá, prendam este ladrão, que vem disfarçado roubar a casa de Anfitrião.

SARAMAGO – Devagar, que cuidarão que é verdade. O ladrão é vossa mercê, que me furtou o meu nome.

MERCÚRIO – Ainda replicas? Levarás nos narizes.

SARAMAGO – Ora, Senhor, tenho entendido que não sou nada nesta vida.

MERCÚRIO – E eu que tenho com isso?

SARAMAGO – Pois, Senhor, já que não me bastou ser um Saramago nascido das ervas, para deixar de ser invejado o meu nome, peço-te que, ao menos, me deixes ser a tua sombra, que com isso me contento.

MERCÚRIO – Não quero, que a mim nada me assombra.

SARAMAGO – Pois, Senhor, tão mal assombrado sou eu que nem tua sombra mereço ser?

MERCÚRIO – Quem é tão ladrão que furta o meu nome, também furtará a minha sombra.

SARAMAGO – Isso é bom para o diabo das covas de Salamanca⁴⁴.

MERCÚRIO – Não gracejemos. Diga: em que ficamos?

SARAMAGO – Em que ficamos? Eu fico com os murros e vossa mercê com o meu nome.

MERCÚRIO – Pois vá-se embora, antes que faça chover sobre ele um dilúvio de pancadas.

SARAMAGO – Pois a Deus, Senhor Saramago.

MERCÚRIO – A Deus, Senhor coisa nenhuma.

CENA IV

Bosque com respaldo de Palácio. Sai Anfitrião e Polidaz

ANFITRIÃO – Na verdade, Polidaz, que não há pior mal que o da ausência, pois ao mesmo tempo que acrescenta a saudade também acrescenta o tempo, porque havendo só três meses que me ausentei de Tebas, de cujas muralhas estamos á vista, parece-me que há três séculos que dela me ausentei.

POLIDAZ – Anfitrião, não é porque o relógio do tempo se atrase; talvez será porque o mostrador de Cupido se adiante. E não é muito que, vivendo ausente da Senhora Alcmena, tua esposa, os minutos te pareçam eternidades. E agora, que vitorioso da ausência e dos inimigos te vanglorias, entrarás em Tebas duas vezes triunfante.

ANFITRIÃO – Ai, Alcmena, quem já se vira em teus braços!

(Sai Tirésias)

TIRÉSIAS – Invicto Anfitrião, sempre triunfante vencedor dos inimigos da Pátria, em nome desta República de Tebas venho esperar-vos ao caminho para adiantar os parabéns a quem tão heroicamente tem adiantado o progresso da guerra. E assim, para prémio das vossas acções e desempenho do nosso agradecimento, vos temos preparado um notável triunfo, donde, coroado do vencedor louro, se acumulam os vivas ao vosso nome.

ANFITRIÃO – Generoso Tirésias, agradecendo a Tebas a honra que me faz e a vós a cortês benevolência, a ela irei

prostrar-me como obediente filho da Pátria e a vós já vos ofereço os braços como símbolo do amor e da benevolência.

TIRÉSIAS – Polidaz amigo, quanto me alegro de ver-te!

POLIDAZ – Tudo merece a nossa amizade.

TIRÉSIAS – Permite-me, Anfitrião, que vá noticiar à Senhora Alcmena a tua vinda.

ANFITRIÃO – Não é necessário tanto excesso, pois já a esse fim mandei o meu criado Saramago.

TIRÉSIAS – Pois esperai aqui pelo triunfo, enquanto com os mais Senadores vos vamos esperar ao Senado.

(Vai-se.)

ANFITRIÃO – Não posso desprezar tantas mercês.

(Sai Saramago)

SARAMAGO – Estou bem aviado! Não sou cousa nenhuma nesta vida! Tenho de tornar a nascer para ser alguma cousa.

ANFITRIÃO – Jamais hás-de perder o costume de tardar e murmurar? Aonde estiveste até agora?

SARAMAGO – Quem? Eu?

ANFITRIÃO – Pois com quem falo eu senão contigo?

SARAMAGO – Pois suponha que não fala comigo, porque eu não sou eu.

ANFITRIÃO – Começa tu agora com disparates ao mesmo tempo que quero me

dês notícia de Alcmena.

SARAMAGO – Como poderei eu dar notícia da Senhora Alcmena, se eu não sei notícias de mim próprio?

POLIDAZ – O moço é galante peça.

ANFITRIÃO – Saramago, que diabo tens que estás fora de ti?

SARAMAGO – Sim, Senhor, estou fora de mim, porque outrem está dentro de mim.

ANFITRIÃO – Explica-te, Saramago.

SARAMAGO – Já não sou Saramago. Não me quer entender?

ANFITRIÃO – Pois que és?

SARAMAGO – Sou cousa nenhuma! Vê? Vê-me vossa mercê aqui? Pois suponha que me não vê.

ANFITRIÃO – Explica-te por uma vez, senão te matarei.

POLIDAZ – Homem, fala, não desesperes a teu amo.

SARAMAGO – Por obedecer, ainda que sou nada, falarei um nó nada. Eis que, partido eu para a nossa casa com o recado de vossa mercê para a Senhora Alcmena, a primeira cousa que encontrei foi a nossa cadela, que com o rabo começou a explicar a sua alegria; donde inferi que há criaturas que têm a língua no rabo.

ANFITRIÃO – Vamos adiante.

SARAMAGO – Atrás há-de ser, que ficámos no rabo; e o como este seja ruim de esfolar, agora o verás: foi-me a cadela guiando, porque eu ia cego com o escuro da noite; achei a nossa porta aberta e, ao querer entrar por ela, mo impediu um vulto mui avultado.

ANFITRIÃO – E viste quem era?

SARAMAGO – Sim, Senhor.

ANFITRIÃO – Conheceste-o?

SARAMAGO – Sim, Senhor, conheci muito bem.

ANFITRIÃO – Pois quem era?

SARAMAGO – Era eu mesmo.

ANFITRIÃO – Pois tu estavas fora e dentro ao mesmo tempo?

SARAMAGO – Ai é que está o enigma.

POLIDAZ – Enigma parece na verdade!

ANFITRIÃO – Pois que te sucedeu com esse vulto?

SARAMAGO – Que me não quis deixar entrar. Houve luta de parte a parte e por fim de contas alombou-me os ossos muito bem com um rebém.

ANFITRIÃO – Quem seria o atrevido que te fez tal cousa?

SARAMAGO – A tal cousa fiz eu, que de medo me estava escoando.

ANFITRIÃO – Dize a verdade, se conheceste quem foi?

SARAMAGO – Oxalá que o não conhecera.

ANFITRIÃO – Pois quem foi o que te deu?

SARAMAGO – Fui eu mesmo.

ANFITRIÃO – Há tal loucura! Pois tu deste em ti mesmo?

SARAMAGO – Sim, Senhor, e não de qualquer sorte, senão a cair, a derribar.

ANFITRIÃO – Pois não entraste a falar a Alcmena?

SARAMAGO – Como havia de entrar se mo impediram?

ANFITRIÃO – Quem te podia impedir, velhaco, embusteiro?

SARAMAGO – É necessário que lho diga muitas vezes? Não lhe disse já que fora eu, aquele eu; aquele eu que já lá estava primeiro do que eu; aquele eu que me disse que eu não era eu; aquele eu, enfim, que deu muito murro neste eu: *Heu mihi!*

ANFITRIÃO – Polidaz, este criado está louco.

POLIDAZ – Eu assim o entendo.

SARAMAGO – Porém, Senhor, só uma diferença achei neste eu e eu; e é que o eu que lá estava era mais valente do que eu que aqui estou.

ANFITRIÃO – Resta-me que também perdesse a jóia que mandei desses a Alcmena.

SARAMAGO – Não, Senhor, ainda cá vem a jóia, e se ela se tornasse em duas, como eu, que mau fora?

ANFITRIÃO – Isto é alguma cousa! Não sei o que diga e nem o que me adivinha o coração! Vamos, Saramago, a casa, que quero averiguar que é isto que dizes. Polidaz, esperai aqui, que já venho.

POLIDAZ – Não tardeis, que pode vir o triunfo que foi preparar Tirésias.

SARAMAGO – Oh! queira Júpiter que tu também lá aches outro Anfitrião, assim como eu outro Saramago, para que te não rias de mim!

(Vai-se)

POLIDAZ – Debaixo daquele tronco irei esperar a Anfitrião.

(Vai-se)

(Desce Juno em uma nuvem e nela virá pintado não só o arco Íris, mas em figura a Ninfa Íris. Canta-se o seguinte:)

CORO

*O Íris da paz
É o Íris da guerra,
Pois hoje se encerra
No Arco do Céu
O arco do amor.
Mas contra o teu arco.
Amor, se prepara
Meu ímpio furor.*

JUNO *representa* – De que me vale ser eu a Deusa Juno e esposa de Júpiter, se este mesmo esposo, se este mesmo Júpiter com seus desordenados intentos procura eclipsar as luzes de minha soberania, tomando a forma de Anfitrião para lograr os favores de Alcmena? E assim, para vingar-me de ambos, disfarçada nesta humana forma, estorvarei a minha injúria e o meu ciúme. Oh! que sacrílego é o tormento dos zelos, pois nem as mesmas Deidades se isentam de seu furor!

ÍRIS – Soberana Juno, parece impróprio da tua Divindade esse sentimento. E pois, ainda que disfarçada sempre sou a Ninfa Íris, símbolo da Concórdia, agora mais que nunca verás os efeitos de minha virtude, serenando com os meus influxos o dilúvio de tuas penas.

JUNO – Por seres a Ninfa íris, por isso quis que me acompanhasses, que para a guerra do amor era necessário trazer comigo a paz. E assim, como fiel súbdita saberás ajudar-me neste empenho do meu ciúme. E pois o amor é tão cego como o ódio, tu que vives isenta destas paixões poderás, sendo Argos da minha afronta, observar as falsidades de um esposo que me ofende.

ÍRIS – Já com a esperança podes respirar menos sentida. Não te desanimes, que, suposto tenhamos contra nós todo o poder de Júpiter, amor nos dará indústria para vencê-lo, que o amor sempre triunfou de todos os Deuses.

JUNO – Verá Júpiter os danos que preparo, desvanecido o seu poder e vitoriosa a máquina de minha vingança.

(Canta Juno a seguinte)

Ária

*A um esposo fementido
Se castiga o seu intento
E verá no meu tormento
Seu tormento, pois prometo
Em seu dano me vingar.
Saiba, pois, o como ofende
Minha própria Divindade,
Que dos zelos a impiedade
Até os Céus há-de chegar.*

(Vai-se)

CENA V

(Sala. Sai Júpiter, Alcmena. Mercúrio e Cornucópia; Júpiter na forma de Anfitrião e Mercúrio na de Saramago.)

ALCMENA – Anfitrião, se tão depressa havias tornar, para que vieste? Melhor me fora não experimentar a breve alegria de te ver, se logo havia de sentir o mal de perder-te.

JÚPITER *(à parte)* – Já te disse, querida Alcmena, que me é preciso achar-me esta manhã no Arraial, para publicamente entrar triunfante nesta Cidade, com que não é justo que por um breve retiro mostres um tal sentimento. Ai, Alcmena, se tu me disseras essas finezas, não como a Anfitrião senão como a Júpiter!

ALCMENA – Vivo tão ressentida do mal da ausência que qualquer retiro que faças me sobressalta o coração.

MERCÚRIO – Senhor, veja que já é tarde e que nos podem achar menos lá no campo.

CORNUCÓPIA – Cal-te, atiçador da candeia da esquivança, tão tarde é isto?

MERCÚRIO – Não vês que já os galos cantaram?

CORNUCÓPIA – Também se tu foras mais amante outro galo me cantara.

JÚPITER – Deixa-me ir, Alcmena, que são horas.

ALCMENA – Se esperas que eu te deixe ir, nunca irás. Vai-te, mas não te despeças, pois cada instante que te não acho, cuido que te perco.

JÚPITER – Não sei com que poderei pagar-te tanta fineza e amor!

ALCMENA – Este amor nasce da minha obrigação.

JÚPITER – Pois quisera que esta fineza nascera mais do teu amor que da tua obrigação.

ALCMENA – A obrigação de amar ao esposo supera a toda a obrigação.

JÚPITITER – Pois mais te devera que me quiseras mais como a amante que como a esposo.

ALCMENA – Não sei fazer essa diferença, pois não posso amar-te como a esposo sem que te ame como a amante.

CORNUCÓPIA – Ai, Senhora, que diz muito bem o Senhor Anfitrião, pois entre esposo e amante há muita diferença.

ALCMENA – Tomara sabê-la, que ainda a não encontrei.

CORNUCÓPIA – Pergunte-o, Senhora, a meu marido Saramago, que tanto se despediu de amante para comigo, que apenas o encontro um marido espúrio: marido sem ser amante é o mesmo que corpo sem alma. Que importa que o matrimónio ligue o corpo, se o amor não une as almas? Aqueles carinhos, aqueles afagos, aqueles melindres, aquele vir o Senhor Anfitrião fora de horas só para apagar a chama da saudade no mar de seu pranto, que é senão amor? Pelo contrário, estes despegos, estas sequidões, estes focinhos que me faz este meu bom marido, que é senão ser marido sem amor?

JÚPITER – Cornucópia falou como Sábua.

CORNUCÓPIA – São os olhos de vossa mercê.

MERCÚRIO – A velha todavia não é tola. Vamo-nos, Senhor, que já totalmente amanheceu.

ALCMENA – Ai, Anfitrião, que agora mais que nunca se pode dar á madrugada o epíteto de saudosa.

(Chora)

JÚPITER – Não chores, meu bem, não queiras que hoje amanheça o dia com duas auroras.

(Contam Júpiter e Alcmena a seguinte)

Ária a duo

JÚPITER – *Alcmena, enxuga o pranto,
Reprime o teu suspiro.*

ALCMENA – *Oh! quanto, amor, oh! quanto
Me aflige o teu retiro!*

JÚPITER – *Não chores, não suspires.*

ALCMENA – *Não, meu bem, não te retires.*

AMBOS – *Senão verás que acabo
A impulsos do penar.*

JÚPITITER – *Cesse o liquido lamento,
Cesse tanto suspirar.*

ALCMENA – *Vendo a causa do tormento
Mal me posso consolar.*

AMBOS – *Oh! que aflito suspirar!*

(Vai-se Júpiter)

MERCÚRIO – *Cornucópia, vale, vel valete.*

CORNUCÓPIA – *Que dizes com isso?*

MERCÚRIO – *Que assim se vai quem se despede em Latim.*

(Vai-se)

CORNUCÓPIA – Vai-te cos diabos, nunca tu cá tornes.

(Sai Juno e Íris)

JUNO – Aquela sem dúvida é Alcmena. Entre pois a minha indústria a vingar os meus zelos.

ÍRIS – E é boa ocasião para o teu intento.

CORNUCÓPIA – Senhora, que mulheres são aquelas que entraram sem pedir licença?

(Entra Juno)

JUNO – Não estranhes, Senhora, que sem licença eu e esta criada minha entremos aqui, quando a justiça da minha causa rompe a imunidade do maior Sagrado.

(Chora e ajoelha)

ALCMENA – Levantai-vos, Senhora. Mereça eu saber a causa do vosso sentimento, para ver se encontrais em mim o remédio de vossas penas.

JUNO – Para que melhor conheças o que padeço, quero informar-te de quem sou: Junto às eminências do monte Olimpo em um lugar aprazível, aonde em perpétuos verdes habita a Primavera, nasci. Que prouvera a Júpiter não nascera, para que não fosse objecto da inconstância da fortuna!

(Chora)

CORNUCÓPIA – Até aqui, Senhora, parece que tem razão. Mas eu não sei o que ela diz.

ÍRIS *(à parte)* – *Até aqui vai bem.*

JUNO – Meus pais, que eram os mais ilustres daquele povo, vendo que eu era o único ramo que florescia na sua descendência, trataram de dar-me estado decente à minha pessoa, para o que um dia me falaram desta sorte: Felizarda, (que este é o nome desta infeliz...)

CORNUCÓPIA – Felizarda se chama? Ai, Senhora, que galante nome para se pôr a uma cachorrinha!

ALCMENA – Prossegui, Felizarda, que com atenção vos escuto.

JUNO – Disseram-me, pois, que escolhesse eu esposo igual às minhas prendas, porque sendo a escolha minha a nenhum tempo me poderia queixar. Havia no mesmo monte Olimpo um mancebo galhardo, poderoso e muito gentil.

(Diz o Anfitrião dentro o seguinte e bate.)

ANFITRIÃO – Abram lá.

ALCMENA – Parece que bateram. Vai ver, Cornucópia, quem é.

(Vai Cornucópia dentro e torna a sair com Anfitrião e Saramago.)

CORNUCÓPIA – Ai, que é o Senhor Anfitrião que já veio!

ANFITRIÃO – Alcmena, minha bela esposa, dá-me os teus braços, enquanto mudamente o coração com suspiros explica o alvoroço de sua alegria.

ALCMENA – Que é isso, Anfitrião? Tão depressa vieste?

ANFITRIÃO – Estranho muito o modo com que me recebes. Parece-te que vim depressa depois de tão longa ausência? Oh! que evidente indício do pouco que me amas!

ALCMENA – Não te entendo: tu podes formar queixas contra o meu amor? Não viste esta madrugada em derretidos cristais naufragarem os meus olhos? Tu mesmo, admirado do meu extremo, não julgaste por excessiva a minha fineza? Pois como agora me criminas de pouco amante?

ANFITRIÃO – Que é o que dizes, Alcmena?

SARAMAGO – Mau, já isto me vai cheirando a raposinhos.

ALCMENA – Digo, Anfitrião, que quando esta noite tive a fortuna de ver-te que foi incomparável o alvoroço de meu coração, como tu bem viste.

ANFITRIÃO – Como pode isso ser, se eu ainda agora chego da campanha e logo torno para ela para triunfar?

ALCMENA – Isso mesmo me disseste. E, por isso, ao romper da manhã te ausentaste, dizendo que, por mitigar tua saudade, vieste escondido a ver-me.

ANFITRIÃO – Parece que Alcmena perdeu o juízo!

SARAMAGO – Ainda bem! Quanto folgo!

CORNUCÓPIA – Isto me parece cousa de encanto!

JUNO (*é parte*) – Sem dúvida este Júpiter é que vem disfarçado em Anfitrião. Pois não logrará o seu intento.

ÍRIS (*à parte*) – Se tão bem se sabe disfarçar, dificultosa é a nossa empresa.

ANFITRIÃO – Alcmena, entendo que estás galanteando.

ALCMENA – Estas não são matérias para galantear.

ANFITRIÃO – Ora pois, falemos sério, Alcmena.

ALCMENA – Anfitrião, basta de brinco.

ANFITRIÃO – Com que queres capacitar-me que estive contigo esta madrugada?

ALCMENA – Com que queres negar-me que estiveste comigo esta noite, antes de amanhecer?

ANFITRIÃO – Que dizes a isto, Saramago?

SARAMAGO – Não te disse eu que havia cá outro Saramago? Pois por força havia de haver outro Anfitrião.

ALCMENA – Que dizes a isto, Cornucópia?

CORNUCÓPIA – Senhora, isto não é cousa que se diga.

ANFITRIÃO – Alcmena, vê bem o que dizes.

ALCMENA – Digo que todos de casa podem ser testemunhas da minha verdade. Dize, Cornucópia, tu não viste a Anfitrião cá esta noite?

CORNUCÓPIA – Ai, Senhora, vossa mercê crê que o Senhor Anfitrião fala de veras? Não vê que está galanteando? Sempre vossa mercê foi amigo dessas gracinhas? Ora não seja maligno.

ANFITRIÃO – Ó Cornucópia, eu não zombo.

ALCMENA – Se não crês a Cornucópia, pergunta-o a Saramago, que contigo também veio.

SARAMAGO – Eu, Senhora? Apelo eu! Arre, que testemunho!

CORNUCÓPIA – Tu não estiveste aqui? Não ceaste comigo esta noite?

SARAMAGO – Eu sou tão pouco cioso que nunca ciei em minha vida.

JUNO(*õ parte*) – Não seio que diga a isto! Quase estou para crer que o Anfitrião que primeiro veio seria Júpiter. Oh! que notável enleio!

ANFITRIÃO (*à parte*) – Quero apurar os meus zelos. Ora já que afirmas que eu cá estive, dize-me o que fiz.

ALCMENA – Tão depressa te esqueceste?

ANFITRIÃO – Tudo podia ser, enlevado no gosto de ver-te.

ALCMENA – Pois eu o digo, ainda que o saibas: chegaste ontem às dez horas da noite; e depois que em recíprocos carinhos nos abraçámos...

ANFITRIÃO – Espera: pois tu me abraçaste? (*à parte*) Oh! que tormento!

ALCMENA – Pois não te havia de abraçar depois de tão longa ausência?

ANFITRIÃO – Eu te perdoara nessa ocasião os abraços. E que diz depois?

ALCMENA – Contaste-me o como venceste a El-Rei Terela, ficando desbaratado e morto. E por sinal me trouxeste esta jóia, que era do elmo do mesmo rei.

ANFITRIÃO – Que dizes? A jóia tu a tens?

ALCMENA – Vê-la aqui no meu peito, que a estimo como cousa tua.

ANFITRIÃO – Não há dúvida que é a própria que eu mandei por Saramago. O Saramago, onde está a jóia que eu te mandei desses a Alcmena?

SARAMAGO – Cá a tenho na algibeira, metida na caixinha, da mesma sorte que vossa mercê ma entregou.

ANFITRIÃO – Mostra-a cá, que esta que tem Alcmena toda se parece com ela.

SARAMAGO – Valha-te o diabo, jóia! aonde estás, que não apareces? Ui, agora esta é galante!

(Faz que a busca)

ANFITRIÃO – Que é isso? Não a achas?

SARAMAGO – Espere, Senhor. Assim se acha uma jóia?

ANFITRIÃO – Adonde a meteste que tanto te custa dar com ela?

SARAMAGO – Atei-a na fralda da camisa e agora

ANFITRIÃO – E agora quê?

SARAMAGO – *Bolaverunt.*

ANFITRIÃO – Que dizes?

SARAMAGO – Que não acho a jóia. Tenho dito.

ALCMENA – Como há-de achá-la, se tu ma deste, Anfitrião?

SARAMAGO – Essa é a verdade. De sorte que vossa mercê deu a jóia á Senhora Alcmena e então quer que eu lhe dê conta dela? É mui boa consciência essa!

ANFITRIÃO – Ó velhaco, tu também me queres desesperar? Tu não vieste com a jóia para a dares a Alcmena?

SARAMAGO – Sim, Senhor, mas parece-me que ao depois vossa mercê ma pediu para dar à Senhora Alcmena, minha Senhora.

ANFITRIÃO – Cala-te, embusteiro, que tudo isso são traças tuas. Tu mo pagarás.

JUNO (*à parte*) – Pelo que agora vejo, entendo que este é o verdadeiro Anfitrião.

ÍRIS (*à parte*) – Senhora, em boa estamos metidas!

ANFITRIÃO – Dize, Alcmena, que mais passei contigo depois da jóia? Dize.

ALCMENA – Depois fomos cear e daí a descansar.

ANFITRIÃO – E com efeito fomos a descansar? Isso é delírio, Alcmena?

ALCMENA – Tu perdeste a memória, Anfitrião? Tão depressa te esqueceste do que há tão pouco tempo passámos?

ANFITRIÃO – Ai de mim, infeliz! Que é o que ouço?

ALCMENA – Que é o que te suspende?

ANFITRIÃO (*à parte*) – Suspende-me saber o que não queria saber.

ALCMENA – De que te enristeces? Fiz algum delito em te venerar como a

esposo?

ANFITRIÃO – Cala-te, traidora, inimiga, que não fui eu aquele que no venturoso tálamo descansou contigo.

JUNO (*à parte*) – Sem dúvida foi Júpiter. Ai de mim, que já vim tarde!

CORNUCÓPIA – Eis aqui como sucedem as desgraças!

SARAMAGO – Eis aqui como se mata uma mulher a sangue frio!

ALCMENA – Meu amor, meu esposo, meu Anfitrião, não posso capacitar-me senão que estás galanteando.

ANFITRIÃO – Minha inimiga, minha tirana, minha desleal, não posso crer senão que isso que me dizes foi algum sonho que tiveste.

ALCMENA – Esta jóia também a possuí por sonhos?

ANFITRIÃO – Esse é o maior indício da minha afronta.

ALCMENA – Essa é a maior defesa da minha inocência.

JUNO (*à parte*) – Essa é a maior evidência do meu ciúme.

ÍRIS (*à parte*) – Essa é a maior certeza da nossa confusão.

CORNUCÓPIA – Essa é a maior testemunha de que esteve cá.

SARAMAGO – E esse é o maior testemunho que se levantou.

ALCMENA – Vem, Anfitrião, a meus braços. Não creias os delírios da fantasia.

(Cantam Anfitrião, Alcmena e Juno a seguinte)

Ária a 3

ANFITRIÃO – *Desengana-me, tirana,*

Quando não a minha pena,

Falsa Alcmena,

Te condena

A morrer e suspirar.

ALCMENA – *Desengano-te, tirano,*

Louco esposo, fiel amante,

que eu constante,

triunfante,

Teu engano hei-de mostrar.

JUNO – *Quem cuidara que acharia*

Na vingança, que hoje trato,

O retrato

De um intragto

Que me faz assim penar!

ANFITRIÃO – *Teme, ingrata, a ira ardente.*

ALCMENA – *Nada teme uma inocente.*

JUNO – *Tudo teme uma infeliz.*

ANFITRIÃO e JUNO – *Que eu com zelos,*

ALCMENA – *Que eu sem culpa,*

TODOS – *O meu brio hei-de ostentar.*

ANFITRIÃO – *Mas se é certa a minha ofensa,*

Sem detença

Terei modo de a vingar.

ALCMENA – *De ameaço tão injusto*

Não me assusto,

Pois o Céu me há-de livrar.

JUNO – *Eu que tenho o desengano*

No meu dano,

Muito tenho que penar.

ANFITRIÃO e JUNO – *Que dos zelos a violência,*

ALCMENA – *Que a inocência*

TODOS – *Há-de sempre triunfar.*

(Vão-se)

CORNUCÓPIA – Saramago, que loucura é esta do Senhor Anfitrião?

SARAMAGO – Quando vires as barbas de teu vizinho a arder, bota as tuas de remolho.

CORNUCÓPIA – E a que propósito dizes isso?

SARAMAGO – Antes que te responda, quero primeiro fazer-te a devida contumélia, depois de tão grande ausência. Mostra cá, Cornucópia, esses retrocidos amplexos com esses fétidos ósculos.

CORNUCÓPIA – Ainda tens atrevimento, patife, insolente, de me falares? Já te queres chegar para mim?

SARAMAGO – Quando deixei eu de querer-te e adorar-te, querida Cornucópia?

CORNUCÓPIA – Não te lembra que me disseste que eu era feia e horrenda?

SARAMAGO – Eu podia dizer tal, quando essa tua cara, sendo o alcatruz do afecto é o repuxo das almas que, esgotando a fineza do peito, banha o coração de finezas para regar a chicória da correspondência?

CORNUCÓPIA – Você não se lembra ontem á noite os desprezos que me fez?

SARAMAGO – Ai, ai, ai, *chibarritum me fecit*. Com que eu também estive cá ontem á noite?

CORNUCÓPIA – O'lé, tu parece que vens conluiado com teu amo para nos fazeres desesperar!

SARAMAGO – Pois achas em tua consciência que eu estive cá ontem à noite contigo?

CORNUCÓPIA – Tu cuidas que eu sou tão néscia como a Senhora Alcmena, que se lhe meteram em cabeça os delírios do Senhor Anfitrião?

SARAMAGO – Certo é que a ti nada se te mete em cabeça; a mim mais depressa, que sou o desgraçado marido.

CORNUCÓPIA – Ora anda, vai cozer a vinhaça.

SARAMAGO – Ora dize-me: também tiveste cá o teu Saramago, como a Senhora Alcmena o seu Anfitrião?

CORNUCÓPIA – Pois porquê? Tão casada não sou eu como ela?

SARAMAGO – Visto isso, largaste as velas ao vento do amor?

CORNUCÓPIA – Deixa despropósitos e vamos dar ordem a almoçar.

SARAMAGO – Deixa-me, inimiga, traidora, falsa, fementida, insolente, que não fui eu o com quem te ensaramagaste.

CORNUCÓPIA – Que dizes, Saramago?

SARAMAGO – Digo, embusteira, que, se não fora por se acabar isto em tragédia, que aqui te espicharia na ponta desta espada, pelas pontas que me puseste.

CORNUCÓPIA – Porque me havias de matar? Porque estive com meu marido?

SARAMAGO – Qual marido?

CORNUCÓPIA – Tu mesmo.

SARAMAGO – O mulher, eu, ainda que seja homem de muitas partes, não posso estar em duas ao mesmo tempo.

CORNUCÓPIA – Pois quem foi o que esteve aqui? Salvo seria o diabo por ti.

SARAMAGO – Por ti, falsa, petulante. Como queres que, sendo eu simples por natureza, me ache agora composto por artifício?

CORNUCÓPIA – Dizes isso de todo o teu coração?

SARAMAGO – Por ora ainda não, pois primeiro te quero fazer alguns interrogatórios, como fez meu amo á Senhora Alcmema. Dize-me: que fizeste com esse eu, quando aqui chegou?

CORNUCÓPIA – Abracei-o muito bem primeiro.

SARAMAGO – Vamos ao mais, que isso é bacatela, bacatela.

CORNUCÓPIA – Depois lhe disse mil finezas.

SARAMAGO – *Ad aliud*, que isso nem vai nem vem.

CORNUCÓPIA – Depois lhe dei de cear muito bem e de beber muito melhor.

SARAMAGO – Cala essa boca, atrevida, que já não quero saber mais. Basta, que esse atrevido insolente comeu e bebeu o que estava guardado para mim!

CORNUCÓPIA – Pois tu não havias comer vindo cansado?

SARAMAGO – A que del-Rei, que não fui eu o que comi, que ainda estou em jejum! Ai, que tenho o crédito perdido!

CORNUCÓPIA – Que diabo falas aqui em crédito perdido? Sabes com quem falas? A mim, que tenho a honra na ponta do meu nariz!

SARAMAGO – O teu nariz sempre foi mui honrado, porém não te assoes que te pode cair a honra.

CORNUCÓPIA – O cão, como me pode a mim cair a honra se eu sou o exemplo das honradas?

SARAMAGO – É verdade, Cornucópia, que me não lembrava. Façamos as pazes. Anda cá.

CORNUCÓPIA – Agora também eu não quero.

(Sai Mercúrio ao bastidor)

MERCÚRIO – Uma vez que me vejo com a figura de Saramago, quero revestir-me do seu génio para o fazer mais tonto do que é. E fazendo que desconheça a sua própria mulher, também com isto o detenho, enquanto laboro o nosso engano.

(Vai-se)

SARAMAGO – Já que não queres que façamos as pazes, façamos as guerras. E já a minha fúria vai tocando a degolar.

CORNUCÓPIA – Que é o que intentas?

(Volta com outra cara)

SARAMAGO – Arrancar-te o coração falso que tens no peito. Mas que vejo! Com quem falo eu? Ou esta não é Cornucópia ou estou sonhando!

CORNUCÓPIA – Pois que é o que dizes?

SARAMAGO – Nada, minha Senhora, nada, não é com vossa mercê. Cuidei que falava com minha mulher.

CORNUCÓPIA – Pois eu não sou tua mulher, Saramago?

(Volta com a sua cara)

SARAMAGO – Ui! Ainda mais esta! Também és bruxa, que te mudas em várias

formas? A que del-Rei, que aqui deve de andar o diabo.

CORNUCÓPIA – Saramago, perdeste o juízo?

SARAMAGO – Perdi o que não tenho e tenho o que perdi, pois ainda que tenho o crédito perdido *quoad te*, o não perdi *quoad me*, para ensaboar nas escumas da minha cólera as nódoas da tua liviandade.

CORNUCÓPIA – Que é o que dizes, atrevido?

(Volta com outra cara)

SARAMAGO – Cousa nenhuma, minha Senhora; falava com os meus botões. *(À parte)* Assopram!

CORNUCÓPIA – Pois que liviandades são as minhas?

SARAMAGO – Não falemos em liviandades, que isso agora é mais pesado. *(À parte)* Não vi ainda mulher com duas caras tão mal encarada!

CORNUCÓPIA – Suponho que já te passou a cólera e que estás arrependido.

SARAMAGO – Quem se não há-de arrepender, vendo que me sai tão cara a minha desconfiança?

CORNUCÓPIA – Não crês a minha inocência?

(Volta)

SARAMAGO – Não se pode crer a gente com duas caras: com, que você, Senhora Cornucópia, é uma por diante outra. por detrás?

CORNUCÓPIA – Eu sempre sou a mesma. Ora vem cá, meu queri-₁ do Saramago dos meus olhos, façamos as pazes.

SARAMAGO – Sim, eu faço, mas há-de ser partindo-te primeiro esse infernal corpo com esta espada. *(Foge Cornucópia)*. Mas, ai de mim, que fechou a porta! Porém, pela outra irei ver se a encontro, para vingar a minha fúria. Mas que vejo! Outro encontro melhor tenho no Sol desta menina, que todo me faz derreter.

(Sai Íris)

ÍRIS – A confusão que Júpiter tem feito nesta casa nos faz vacilar na incerteza de qual é o que veio primeiro, se ele se Anfitrião! Porém, o tempo o descobrirá.

SARAMAGO – Não deixei de reparar, quando entrei, na carinha desta muchacha. E pois Cornucópia anda banzeira no mar de sua inconstância, transportarei meu amor na barquinha desta beleza, até que serene a tempestade dos meus zelos.

ÍRIS – E este é o criado de casa. Quero agora meter-me de gorra com ele, a ver se me descobre qual é o verdadeiro Anfitrião, para então conhecer qual é o falso, ou Júpiter, que tudo é o mesmo.

SARAMAGO – Para um soldado que vem da Campanha, uma rapariga destas é um cavalo na guerra. Eu me resolvo a marchar com todo o exército de bichancros namoratórios. Cé, ó minha Senhora!

ÍRIS *(à parte)* – Quero desdenhá-lo para que, querendo-me mais, se facilite a dizer-me o que pretendo.

SARAMAGO – Vossa mercê ouve?

ÍRIS – Eu não sou surda.

SARAMAGO – Nem eu mudo. E por não mudar de intento, quero me diga de que género é o seu carácter para ver se a sua pessoa se pode adjectivar com o substantivo de minha qualidade.

ÍRIS – Sou uma criada de vossa mercê e de Felizarda, que aqui nos achamos por hóspedes nesta casa.

SARAMAGO – Com que vossa mercê era teúda e manteúda6l nesta sua casa e de mais a mais é criada da mesma servil natureza deste seu servo? Não sabe quanto me regala isso.

ÍRIS – Pois porquê? -

SARAMAGO – *Propter unumquodque tale & illud magis.*

ÍRIS – Não te entendo.

SARAMAGO – Eu cá me entendo. E poderemos saber como se chama em ordem a dizer-te depois: Suspende os rigores, cruel, fulana, tirana, sicrana?

ÍRIS – Quem tanto pergunta é bom para Inqueredor.

SARAMAGO – Isto é tirar uma devassa de quem me matou.

ÍRIS – Pois quem te matou?

SARAMAGO – Tanto que te vi, foram os teus olhos uma morte súbita do meu coração. Mas antes que te diga o mais, dize-me o menos, que é o teu nome.

ÍRIS – Ai! Chamo-me Corriola. Que mais quer?

SARAMAGO – Nem tanto queria. Corriola! Mau agouro venha pelo diabo!

ÍRIS – Que te suspende? Pasmou-te o meu nome?

SARAMAGO – A falar verdade, caiu-me o coração aos pés em saber que te chamavas Corriola, pois apenas no jogo do amor começava a ser taful da fineza, quando logo perco o cabedal da esperança nessa Corriola.

ÍRIS – Bom remédio, não falar comigo nem tomar o meu nome na boca.

SARAMAGO – A bom tempo, depois de me ver cheio de amor até os olhos!

ÍRIS – Pois desnamore-se vossa mercê.

SARAMAGO – Porquê? Isso está nas mãos das criaturas? E se queres que te não ame, desfaze essa beleza, engilha esse rosto, franze essa testa, arregala esses olhos, entorta essa boca e faze-te geba.

ÍRIS – Não me posso mudar em o que Deus me não fez.

SARAMAGO – Ah sim? Pois eu também não posso deixar de querer esse rosto, que dá de rosto à neve; essa testa, que testa me investe; esses olhos, que me deram olhado; essa boca, que emboca delícias; esse corpo, que em corpo passeia na rua formosa.

ÍRIS – Que se segue dai?

SARAMAGO – Que te amo, que te adoro e que te quero.

ÍRIS – Queres mais alguma cousa?

SARAMAGO – Mais quisera.

ÍRIS – O quê?

SARAMAGO – Que me correspondesses também.

ÍRIS – Isso agora é desaforo! Não teme a Deus um homem casado querer inquietar uma mulher solteira? Vá-se, antes que o desengane de outro modo.

SARAMAGO – Pois ainda há no Mundo outro modo de desenganar mais claro do que esse?

ÍRIS – Pois ouça, se não o sabe.

(Canta Íris a seguinte)

Ária

Vai-te logo rebolinho,

Tu me dizes isso a mim?

Tu a mim, a mim, a mim,

*Porco, sujo, bribantão?
Eu te juro, Saramago.
Que serás em teu estrago
O mais pérfido asneirão.*

(Vai-se)

SARAMAGO – Ora estou bem aviado! Fujo de um Tigre e vou marrar com uma serpente! Cornucópia com duas caras, ambas são aborrecidas e nenhuma cara e esta tendo uma só, faz mil focinhos! Mas que remédio senão ir pouco a pouco careando com carinhos aquela carinha?

CENA VI

(Selva com respaldo de Palácio. Saem Júpiter e Mercúrio)

MERCÚRIO – Ora, Júpiter, tudo te sucedeu como querias.

JÚPITER – Mercúrio, sendo a ideia tua, por força o sucesso havia de ser igual.

MERCÚRIO – E agora que determinas?

JÚPITER – Ir continuando no mesmo engano, que a formosura de Alcmena não merece um só sacrificio nem o meu amor se contenta com qualquer triunfo.

MERCÚRIO – Não vês que já chegou Anfitrião da guerra e pode Alcmena sentir a causa deste enleio?

JÚPITER – Para aí reservo o meu poder.

MERCÚRIO – E se Juno vier, a sabe-lo, como hás-de escapar do rigor da sua condição?

JÚPITER – Mais pode Júpiter que Juno. E eu farei com que ela padeça o mesmo engano, pois ela não pode senão o que eu quero que ela passa.

(Sai Polidaz)

POLIDAZ – Anda, Anfitrião, que já tardavas e já te espera o triunfo no Arraial.

JÚPITER – Mercúrio, não é só Alcmena a que se engana comigo.

MERCÚRIO – Pois agora não há mais remédio que aceites o triunfo que era para Anfitrião.

POLIDAZ – Anda, Senhor. Não nos dilatemos.

JÚPITER – Vamos, Polidaz, a triunfar. *(à parte)* Mas que maior triunfo que vencer os desdêns de Alcmena!

(Vão-se)

(Sai Anfitrião)

ANFITRIÃO – Não é possível encontrar a Polidaz, que aqui ficou de esperar por mim. Na verdade que tardei muito e por essa causa se resolveria o triunfo para outro dia. E não me pesa de que assim seja, pois quero primeiro triunfar dos meus zelos, para que completamente me possa chamar vitorioso. Ai, Alcmena, que de sustos6e me tens causado!

(Vai-se)

CENA VII

(Sala Senatória. Sai Júpiter em um carro triunfal, acompanhado de muitos Soldados com alabardas, bandeiras arrastadas; e Polidaz a cavalo, e atrás do dito carro irão alguns cativos maniatados; e no espaço em que vão andando, ao som e repetição de tambores e clarins, dirão repetidas vezes: Viva Anfitrião! e já apeado Júpiter do carro, entrará com Mercúrio e Polidaz e a mais comitiva de soldados na dita Sala Senatória e nela estarão sentados Tirésias com outro Senador.)

MERCÚRIO *(à parte)* – Não só triunfou Júpiter de Alcmena, mas até do mesmo triunfo de Anfitrião fica sendo triunfador.

TIRÉSIAS – Vem, esforçado Anfitrião, glória de Tebas e assombro do Mundo; vem, que serás novo simulacro do Templo de Marte, já que hoje lhe tributas tantos bélicos despojos, na célebre vitória que de nossos inimigos alcançaste.

JÚPITER – Nada tendes que me agradecer, ilustre Senado, pois o servir a Pátria é mais obrigação do que fineza. *(à parte)* Perdoa, Anfitrião, usurpar-te o laurel, que o amor e a ocasião são dous inimigos muito poderosos.

(Haverá dentro ruído, dizendo todos o que se segue:

MATRONAS – Pára, pára, deixa entrar.

TIRÉSIAS – Ó'lá, que ruído é esse?

POLIDAZ – São as Matronas de Tebas, que vêm festejar ao triunfador Anfitrião com o seu costumado aplauso.

TIRÉSIAS – Dizei que entrem, que não é razão as privemos da sua antiga posse e a nós do gosto de vermos o seu festivo rendimento.

(Saem quatro Ninfas, e uma delas com uma coroa de flores e a porá na cabeça de Júpiter)

MATRONAS – Esforçado Anfitrião, eu, em nome das Matronas de Tebas, te ofereço esta grinalda, simbolizando nas suas flores os teus triunfos e a nossa alegria, pois a benefício do teu valor vivemos seguros nas delícias de Tebas.

JÚPITER – As flores dessa grinalda, ó ilustres Matronas, na minha estimação todas serão perpétuas.

MERCÚRIO *(à parte)* – E para Anfitrião martírios, pois Júpiter lhe usurpa todas as honras.

(Dançam as Ninfas um minuete e, acabado, diz Tirésias:)

TIRÉSIAS – E para que felizmente se coroe Anfitrião e se complete este triunfo, repeti comigo todos os vivas de Anfitrião, sendo eu o primeiro que principie seu bem merecido louvor.

(Canta Tirésias o seguinte)

Recitado

*Repita, pois, o popular tumulto
Ao som das trompas bélicas de Marte
De Anfitrião valente o nobre aplauso,
Enquanto a Cabalina inunda e rega
Vi rentes lauros no bicórnio monte
Ou enquanto fecunda a terra cria
Nova gama imortal para a coroa.*

Ária em forma de coro

*TIRÉSIAS – A fama canora
Em júbilo alterno
Repita festiva,
Dizendo que viva,
TODOS – Viva, viva Anfitrião,
Novo Marte singular.
TIRÉSIAS – E a rama Sagrada
Na frente animada
Adorne sublime,
Felice coroe,
Pois que sabe triunfar,
Sempre altivo e vencedor.
TODOS – Viva, viva Anfitrião.
Novo Marte singular.*

(Fim da primeira parte)

PARTE II

CENA I

(Sala. Saem Juno e Íris)

JUNO – Já que, disfarçada, me vejo introduzida em casa de Alcmena, comece o veneno de meus zelos a inficionar a causa do meu ciúme: chore a inocência de Alcmena o delito de Júpiter, porque tão disfarçado vive na forma de Anfitrião que nem toda a minha Deidade sabe distinguir qual é o verdadeiro. O Júpiter, para que me deste a glória de ser tua esposa, se me não livras deste inferno de zelos!

ÍRIS – Senhora, devagar se vai ao longe.

JUNO – Eu quisera que fosse depressa e não devagar, que o meu ciúme não sofre dilações.

ÍRIS – Eu tenho dado em boa traça para averiguar qual é O verdadeiro Anfitrião ou verdadeiro Júpiter.

JUNO – E qual é?

ÍRIS – O criado de casa, tanto que me viu, entrou a pretender-me e eu quero facilitar-lhe o seu amor só por ver se me descobre algum vestígio por onde possamos conhecer a Júpiter.

JUNO – Aprovo a tua ideia, Vai continuá-la e não te dilates um instante.

ÍRIS – Vou a obedecer-te.

(Sai Tirésias)

TIRÉSIAS – Venho buscar a Anfitrião para dar-lhe os parabéns de seu triunfo. Mas que vejo! Que novo assombro me suspende os sentidos?

JUNO *(à parte)* – Já que Tirésias na minha formosura tanto se suspende, ele será o meio de minha vingança.

TIRÉSIAS – Ainda não sei determinar-me se é mulher ou Deidade!

JUNO – De que vos admirais? Que rémora vos suspende os passos?

TIRÉSIAS – Senhora, assim como não cabem na esfera dos olhos as luzes de tanto Sol, assim da mesma sorte ignoram os períodos mais retóricos significar a causa da minha suspensão.

JUNO – Se tanto sabeis o afecto dessa suspensão, porque não explicais a causa dela?

TIRÉSIAS – Que mais causa pode haver que admirar em vós uma formosura tal que mais parece Divina do que humana?

JUNO – Basta que tão formosa vos tenho parecido?

TIRÉSIAS – E tanto que já o meu coração vai sentindo a causa da vossa beleza.

JUNO *(à parte)* – Bem vai para o meu intento.

Dizei-me: que é o que sente o vosso coração?

TIRÉSIAS – Sente o não sentir mais, pois quisera com a vida pagar o delito de vos adorar.

JUNO – Pois o adorar é delito?

TIRÉSIAS – Dizem que o amor é uma Deidade tão inumana, que até dos mesmos sacrifícios se ofende.

JUNO – Por não ter a nota de inumana não quero ofender-me de vossos

sacrifícios.

TIRÉSIAS – Pois, Senhora, se eles vos não ofendem, aceitai-os.

JUNO – É necessário primeiro averiguar se são verdadeiros.

TIRÉSIAS – Se a vossa formosura não é fabulosa como pode ser o meu sacrifício fingido?

JUNO – Porque parece quase impossível que no mesmo instante em que me vistes logo me quisésseis e com tanto extremo como publicais. E por que a nenhum tempo se diga que é sofisticado o vosso rendimento, deveis mostrar-me como pode ser instantâneo o vosso amor.

TIRÉSIAS – Nenhuma dúvida pode haver que, ao mesmo tempo que vos visse, vos adorasse. Ver-vos e amar-vos tudo foi ao mesmo tempo, sem que houvesse tempo entre o amar-vos e o ver-vos. Para a formosura triunfar não é necessário tempo, sobram instantes. O tempo arruma os edifícios e a formosura sem tempo erige as aras para o seu culto, pois a todo o tempo sabe vencer. Por isso se pinta o amor com asas, pela ligeireza com que fere os corações; por isso se pinta cego, porque cegou depois que viu a formosura. Como, para ser amor, não necessita de vista, vendou os olhos para não ver mais, pois bastava uma só inspeção para cegar de amor. Enfim, Senhora, se o amor crescer com o tempo, não fora menino. fora Gigante.

JUNO – Basta, já sei que pode ser verdadeiro o vosso amor.

TIRÉSIAS – E pois o abonais de verdadeiro, fazei com que seja venturoso.

JUNO – E que déreis vós para conseguir essa ventura?

TIRÉSIAS – Dera-vos o que já vos tenho dado.

JUNO – Ignoro o que me destes.

TIRÉSIAS – Dei-vos a alma; já não tenho mais que dar-vos.

JUNO – Eu a aceito. Como não ignorais que o amor é guerra dos corações, para nela triunfardes haveis primeiro capitular comigo algumas proposições.

TIRÉSIAS – Dizei, Senhora, que já toda a minha vontade tenho transferida aos impérios do vosso preceito.

JUNO – Pois atendei-me: Eu sou Flérida, infeliz princesa de Teleba, que disfarçada vivo aqui com o nome de Felizarda. Já sabeis como Anfitrião matou a meu pai, El-Rei Terela. Verei se com este engano logro o meu intento. (*À parte.*) Morto assim meu pai, para vingar-me deste bárbaro homicida, vim à sua própria casa para que assim mais facilmente pudesse executar a minha vingança, que procuro. E quando cuidei que só Anfitrião era o que me ofendia, acho que também Alcmena necessita de castigo, pois não há instante em que não desperte as frias cinzas do cadáver de meu pai com afrontas. De sorte que, se Anfitrião lhe tiranizou a vida, Alcmena também se arma homicida de sua memória. Um o ofendeu de presente, e Alcmena lhe infama a posteridade. E vos confesso que, de tal sorte me tenho enfurecido, que só para vingar-me destas injúrias dera, ó Tirésias, o sangue das veias.

TIRÉSIAS – Pois vede, que quereis que faça neste caso?

JUNO – Quero que busqueis modo de castigar a Alcmena. pois sei que sois o supremo ministro desta República, advertindo que á minha conta fica o vingar-me de Anfitrião. Já sabeis que sou Princesa hereditária de Teleba; já sabeis que admito o vosso amor. Esposa e Reino tereis se vingais minhas injúrias.

TIRÉSIAS – Não pela cobiça de reinar, mas pela fortuna de ser vosso esposo, me exporei a todo o risco, protestando castigar a causa da vossa ofensa.

JUNO – Pois, Tirésias, não te acovardes.

TIRÉSIAS – Não se acovarda um amor valente. Porém, ignoro o motivo por que haja de castigar a Alcmena, cujo louvável procedimento vive isento do rigor das leis.

JUNO – O tempo nos dará ocasião para a vingança. Adverte que tens poder e que

tens amor. E vê agora quem poderá isentar-se de um poderoso amor.

(Vai-se)

TIRÉSIAS – Oh Deuses soberanos! E que de cousas em um instante tenho passado! Vi e amei; rendi-me a uma formosura celestial e prometi castigar a uma inocente! Mas quem se pode livrar do labirinto de amor, pois o mesmo fio que se inventou para o acerto é o maior embaraço para a confusão? Porém, se Alcmena pelas virtudes merece prémios, como posso eu prometer-lhe castigos? Mas, se hei-de conseguir a delícia de Flérida e a investidura de Rei, em que reparo?

(Canta Tirésias a seguinte)

Ária

*É tal a esperança
Num peito amoroso
Que o bem duvidoso
Alentos lhe dá.
Se em dívida o gosto
Suspende o gemido, Um bem possuído
Que glória será! (Vai-se)*

CENA II

(Sala. Sai Saramago)

SARAMAGO – Batido de zelos e combatido de amor se considera este pobre Saramago na presente conjuntura. Cornucópia com dous Saramagos e Corriola sem nenhum! Pois não há-de ser assim. Porém ela cá vem. Quero fingir-me mais amante fazendo que a não vejo. Ai, Corriola desta alma, compadece-te de um pobre Saramago, a quem a ardente canícula de teus repúdios seca e murcha a verde medula de sua esperança. Ai, que me abraso! Água para tanto fogo!

(Sai Íris)

ÍRIS – Que é isso, Senhor Saramago? Água vai com tanto fogo!

SARAMAGO – Ai! Deixa-me, Corriola, que tu és a causa deste mal que padeço.

(Sai Cornucópia ao bastidor)

CORNUCÓPIA – Ai! Que é aquilo que vejo? Saramago e a nossa hóspeda cochichando só por só! Ouçamos o que será.

SARAMAGO – Corriola, isto não é um homem que viu outro; sou eu mesmo, que te amo até não mais.

ÍRIS – Todos assim dizem quando querem pretender.

SARAMAGO – Se todos assim dizem, que farei eu, que tenho em mim o amor de todos?

ÍRIS – Olha, ainda que eu queira amar-te, por Cornucópia o não faço.

SARAMAGO – Que se me dá a mim de Cornucópia? Não mo merece ela tanto.

(Sai Cornucópia)

CORNUCÓPIA – Agora isso é desaforo! Ó minha menina, *occulum ruorum*. Faça-me favor de não inquietar os homens casados que estão em suas casas. Ora o certo é que *a casa trae el hombre com que llore*.

IRIS – Eu não mereço isso a vossa mercê, porque sou muito sua veneradora.

CORNUCÓPIA – Vá, vá servir a sua ama e deixe-me o meu marido.

ÍRIS *(à parte)* – Temo que esta velha seja o estorvo da minha pretensão.

(Vai-se)

CORNUCÓPIA – E você, Senhor Saramago, também como gente namora com essa cara?

SARAMAGO – E você, Senhora Cornucópia, também como gente quer ser zelosa com duas caras?

CORNUCÓPIA – Pois cuidava que eu não havia de ver o que você faz?

SARAMAGO – Quê! Tu tens razão para ter zelos de mim, se eu não sou teu marido Saramago, senão aquele que cá esteve, a quem deste de comer e de beber?

CORNUCÓPIA – Não sejas tonto; não queiras com esse desaforo encobrir a tua pouca vergonha.

SARAMAGO – Com que você quer estar comendo Saramagos a dous carrilhos e Corriola que fique em jejum?

CORNUCÓPIA – Se não viera ali a Senhora Alcmena, eu te respondera melhor.

(Sai Alcmena)

ALCMENA – Que intentasse Anfitrião persuadir-me que ele não era o próprio que comigo esteve! Sem dúvida que, a saber de certo que falava deveras, perdera os meus sentidos e também a paciência.

CORNUCÓPIA – Senhora, isso se não mete em cabeça de mulher. Quem duvida que o Senhor Anfitrião vinha amassado com este magano de meu marido para nos fazerem doudas?

ALCMENA – Também tu me queres fazer desesperar?

SARAMAGO – Os desesperados somos nós, porque viemos sem ser esperados.

CORNUCÓPIA – Cala-te, embusteiro.

ALCMENA – Ai, cala-te, perro

SARAMAGO – A isto é que se chama sobre afronta, aperreação.

(Saem Júpiter e Mercúrio ao bastidor, aquele na forma de Anfitrião e este na de Saramago)

MERCÚRIO – Júpiter, adverte que Anfitrião já veio e agora é necessário maior indústria para fingir e desfazer o que fez Anfitrião.

JÚPITER – Se sabes, Mercúrio, que sou Júpiter, para que me encomendas isso? Vai-te para essoutra sala e impede que não entre Anfitrião.

MERCÚRIO – Eu te obedeco.

(Vai-se)

JÚPITER – Querida Alcmena, parece-me que tu estás mal comigo.

ALCMENA – Ingrato esposo, cruel Anfitrião, para que me dás agora o nome de querida, se tão enfurecido te ausentaste de mim, querendo afirmar que não eras tu o que tinhas estado comigo? Que termos são agora estes tão diferentes.

JÚPITER – Foi preciso ao meu amor dizer-te que não era eu.

ALCMENA – Pois para que fim?

JÚPITER – Sé para que te irritasses comigo, para que ao depois pudéssemos entre nós fazer as pazes, porque o amor é como a Fénix que, para renascer mais belo, é preciso que, de quando em quando, se abraze nas chamas de um arrufo.

CORNUCÓPIA – Não o disse eu, Senhora? Vossa mercê não quer acabar de entender que eu lenho meus laivos de feitiçaria? Meu Senhor Anfitrião, eu sempre dizia que vossa mercê estava zombando.

(Para Anfitrião)

ALCMENA – Daquela sorte não se costuma zombar.

CORNUCÓPIA – Tinha bem que ver que era zombaria. Vossa mercê não viu que o Senhor Anfitrião estava piscando os olhos?

JÚPITER – Vês, Alcmena, como Cornucópiia logo penetrou a minha ideia? Pois dize-me: quem havia de ser senão eu?

SARAMAGO – Agora isso é mais comprido! Com que vossa mercê, Senhor Anfitrião, diz que esteve cá primeiro do que aquele que cá esteve?

JÚPITER – Cala-te, louco, que eu fui o mesmo que estive cá.

SARAMAGO – E quem foi o que trouxe á Senhora Alcmena a jóia que eu tinha na algibeira?

JÚPITER – Fui eu, que ta tirei sem tu sentires.

SARAMAGO – Pois para que me fez sentir tantos murros quantos me deu pela jóia?

JÚPITER – Se eu queria fingir, tudo isso havia eu de fazer.

SARAMAGO – Tudo isso está muito bem. Mas diga-me: quem era aqueloutro eu que cá esteve primeiro do que eu viesse?

CORNUCÓPIA – Eis aqui, Senhor, a teima que tem tomado esse magano de meu marido, dizendo que também ele cá não esteve. E não há quem lhe tire isso da cabeça!

SARAMAGO – Ai, filha, que da cabeça ninguém pode tirar-me o que nela se me meteu.

CORNUCÓPIA – Ainda teima?

SARAMAGO – Ainda teimo e reteimo, juro e rejuro. digo e redigo que eu, antes de cá vir, já cá estava. E quando eu cuidei que era singular, me achei posto no plural. De sorte que, sendo eu muito apenas um, agora para mais penas me vejo partido em dous.

JÚPITER – Cala-te, que não sabes o que dizes. Anda, vai-te e dize a Polidaz que me venha falar, que importa.

SARAMAGO – Eu vou, mas queira Júpiter que tu te desenganes.

(Vai-se)

JÚPITER – Ora, Alcmena, basta de enfados. Anda já a meus braços.

ALCMENA – Não te canses, que não quero esposo que com astúcias fingidas vem averiguar a minha honestidade.

JÚPITER – Estou perdido! Alcmena, te enganas, que isso não foi para

experimental-te.

ALCMENA – Não queiras agora remediar, com tão frívolas desculpas, o teu delito e a tua grande imprudência.

CORNUCÓPIA – A verdade é, Senhor, que vossa mercê escandalizou muito a Senhora minha ama. Arrengo eu de quem tão bem sabe fingir! Enfim, lá se avenham, que eu aqui não sou pega nem gavião.

(Vai-se)

(Sai Juno ao bastidor)

JUNO – Se será este Júpiter, que segunda vez repete a sua fineza e a minha ofensa? Mas se ele, como Deidade, sabe enganar os meus olhos, eu que também logro a mesma prerrogativa, usarei do mesmo engano. Alcmena, os Deuses te guardem.

(Sai)

ALCMENA – Vem, Felizarda, embora, a ser testemunha de que Anfitrião diz ser zombaria quanto afirmou esta manhã não ser o próprio.

JUNO *(à parte)* – Júpiter é, sem dúvida, que virá a desfazer o que fez Anfitrião.

ALCMENA – Que te parece, Felizarda, aqueles enfados e esta confissão?

JUNO – Isso pode ser? Já se desdiz do que com tantas veras afirmou? Certamente que, se fora comigo, nunca mais eu o tornaria a ver, pois deu a entender tão menos que violavas a sua fé.

ALCMENA – Isso é o que mais me escandaliza, Felizarda.

JÚPITER – Não é justo, Senhora Felizarda, que também vos ponhais da parte da minha desgraça.

JUNO *(à parte)* – Ah traidor!

JÚPITER – E assim vos peço, Senhora, que intercedais com Alcmena, para que me perdoe, que, só a fim de alcançar o perdão, quero já confessar-me culpado.

JUNO *(à parte)* – Ainda isso me faltava! Pedir-me que dê armas contra mim!

JÚPITER – Sé vós podereis acabar com Alcmena que acabe o rigor para comigo.

JUNO – Não sejais importuno, que o vosso delito nenhum perdão merece. Pois eu, não sendo Alcmena a quem ofendestes, de sorte me tendes escandalizada, que, a ser possível, vos desterrara daqui para não seres mais visto.

ALCMENA – Bem hajas, Felizarda, que sentes as minhas ofensas como propriamente tuas.

(Canta Júpiter a seguinte Ária e)

Recitado

*Já que em tanto tormento não alcanço
Alívio neste apócrifo delito.*

A quem recorrerei, mísero amante?

A quem recorrerei? A quem, Alcmena,

Senão ao puro arquivo de meu peito.

Onde os extremos meus e os meus suspiros.

Finamente exaltados.

Poderão comover as duras penhas

*E os ásperos rochedos?
Que talvez nessa bárbara aspereza
Ache menos rigor, menos dureza.*

Ária.

*Pois, tirana, não te abranda
De meu peito a amarga pena,
Dize, ingrata, esquiva Alcmena,
Que farei por te abrandar?
A teu ídolo adorado
Meu afecto já prostrado
Toda a vitima de uma alma
Sacrifica em teu altar.*

ALCMENA – Basta, Anfitrião, que já compadecida te perdoo, pois sei que todos os teus erros nascem de amor.

JÚPITER – Folgo que os conheças. Vamos, Alcmena.

(Vão-se)

JUNO – Espera! Aonde vás, traidor esposo? Mas, ai de mim, que só vim a ser testemunha de meus zelos! Oh! quem se pudera declarar agora! Mas se me declaro, temo que Júpiter, irado, intente outros absurdos maiores. Pois vingar-me-ei dissimulando a dor para publicar o estrago.

(Vai-se)

CENA III

(Ante-sala. Sai Mercúrio)

MERCÚRIO – Não sei já quando Júpiter há-de pôr fim a estes amores de Alcmena, pois lembra-me que nunca tais extremos fez por Europa, Dánae e Leda! Sem dúvida esta lhe caiu mais em graça!

(Sai Anfitrião)

ANFITRIÃO – Querer-me persuadir Alcmena que estive com ela antes de eu cá chegar, ou é grande malícia, ou grande simplicidade; e se não é nada disto não sei o que possa ser!

MERCÚRIO – Adonde vai vossa mercê? Quem busca nesta casa?

ANFITRIÃO – Saramago, não me conheces? Estás louco?

MERCÚRIO – Pois eu estou obrigado a conhecer todo o género humano?

ANFITRIÃO – Não conheces a teu amo? Que despropósito é esse?

MERCÚRIO – Eu não conheço por meu amo senão ao Senhor Anfitrião.

ANFITRIÃO – Pois quem sou eu?

MERCÚRIO – Eu sei quem é nem quem devia ser? Que me importa a mim isso?

ANFITRIÃO – Há criado mais desaforado no Mundo! Guarda-te daí, deixa-me

entrar.

MERCÚRIO – Que quer dizer entrar? Assim se entra na casa alheia?

ANFITRIÃO – Homem, tu não sabes quem eu sou?

MERCÚRIO – Pois quem é vossa mercê? Diga, como se chama?

ANFITRIÃO – O atrevido, tu zombas?

MERCÚRIO – Oh! Chama-se atrevido? Pois fique-se embora com o seu atrevimento, que não há licença para cá entrar.

(Vai-se)

ANFITRIÃO – Espera, insolente! Mas ele fechou a porta! Quem se viu em maior confusão, pois até o meu próprio criado me desconhece!

(Saem Saramago e Polidaz)

ANFITRIÃO – Esperem, que ele torna a voltar. Anda cá, velhaco, que eu te ensinarei como há-de falar a teu amo.

(Dá-lhe)

SARAMAGO – A que dei-Rei, Senhor, porque me dá vossa mercê?

ANFITRIÃO – Ainda me perguntas porque te dou? Toma, velhaco.

(Dá-lhe)

SARAMAGO – Isso é um toma com dous te darei. Senhor Polidaz, acuda-me, senão hoje se acaba aqui a semente dos Saramagos.

POLIDAZ – Tende mão, Anfitrião.

SARAMAGO – Não lhe diga que tenha mão, que isso tem ele a desancar.

POLIDAZ – Por que causa castigais a Saramago?

ANFITRIÃO – Polidaz, perdoai-me, que, cego da paixão, não reparei que estáveis aqui.

POLIDAZ – Pois que vos fez Saramago?

ANFITRIÃO – Eu não me atrevo a dizê-lo. Quero que ele mesmo vo-lo diga.

POLIDAZ – Saramago, que fizeste a teu amo?

SARAMAGO – Meu amo, que lhe fiz eu?

POLIDAZ – A ti é que eu to pergunto. Dize!

SARAMAGO – Senhor Polidralho, eu não me lembro que lhe fizesse coisa alguma.

ANFITRIÃO – Isso me desespera. Já te não lembra? Pois leva, para que te lembres.

(Dá-lhe)

SARAMAGO – A dar-lhe, a dar-lhe outra vez! Ora basta, senão olhe que hei-de resistir á justiça.

POLIDAZ – Ora saibamos já: que caso é este?

ANFITRIÃO – Que há-de ser, Polidaz? Chegar agora aqui e este magano impedir-me a entrada da porta e dar-me com ela nos narizes, depois de me responder várias liberdades.

SARAMAGO – E quando foi isso?

ANFITRIÃO – Agora, agora neste instante. Já te esquece?

POLIDAZ – Esperai, que isso não pode ser, porque Saramago veio comigo de minha casa, adonde me foi chamar da vossa parte.

ANFITRIÃO – Eu porventura mandei chamar a Polidaz?

SARAMAGO – Ui, Senhor, vossa mercê não se lembra quando estava com a Senhora Alcmena, não haverá ele um quarto de hora? E por sinal que estava ela muito agastada com vossa mercê, porque vossa mercê negou que vossa mercê estivera com ela; e tanto assim, que vossa mercê, prostrado e rendido, lhe pediu mil perdões.

ANFITRIÃO – Cala-te, Saramago, que não quero ainda fazer patente a minha afronta sem averiguá-la primeiro. (Assim evitarei que este criado a patenteie aqui. *à parte*). Polidaz, ide-vos, que por ora vos não posso falar. Eu vos avisarei quando há-de ser.

SARAMAGO – Escute, escute, e por sinal que vossa mercê estava com a Senhora

ANFITRIÃO – Cal-te, cal-te, Saramago, que importa assim. Polidaz, ide-vos, que em outra hora será.

POLIDAZ – Deus vos guarde. (*à parte*) Anfitrião parece que tem alguma grande pena, pois que tão aflito está. Se é o que eu cuido, razão tem.

(*Vai-se*)

ANFITRIÃO – Com que esse que lá estava mandou por ti chamar a Polidaz?

SARAMAGO – Não lho disse já uma vez?

ANFITRIÃO – E parecia-se comigo?

SARAMAGO – Pois vossa mercê não se há-de parecer consigo?

ANFITRIÃO – Saramago, afirmo-te que não fui eu o que lá estive.

SARAMAGO – Como não, Senhor, se eu o vi com estes olhos ramelosos?

ANFITRIÃO – Estarás alucinado.

SARAMAGO – Senhor Anfitrião, o que lhe digo é que trate de se despicar, já que se acha tão bem armado.

ANFITRIÃO – Por certo que me não faltam brios e armas.

SARAMAGO – Sim, Senhor, brios, armas e armações não nos faltam.

ANFITRIÃO – Porém em que me detenho que não vou já castigar a causa da minha ofensa?

SARAMAGO – Não pode ser, que a porta está trancada.

ANFITRIÃO – Arrombarei a porta, ainda que seja de bronze. Ajuda-me, Saramago.

SARAMAGO – Metamos a porta dentro e vá pela porta fora este magano. Vamos, Senhor, a investir estes inimigos da nossa honra. Leve vossa mercê a ponta direita do exército, como mais valente, que eu levarei a esquerda. Toque. pois, a investir, o clarim do despique: *strepuere cornua cantu*.

ANFITRIÃO – Lá vai a porta dentro.

SARAMAGO – Lá vai o couce da porta com um couce de Saramago.

(*Fazem estrondo e sai Júpiter*)

JÚPITER – Quem é o atrevido que ousa fazer tão grande estrondo na minha casa? (*à parte*) Mas que vejo! Este é Anfitrião!

ANFITRIÃO – Que é o que estou vendo! Outro eu aqui!

JÚPITER (*à parte*) – Toda a minha Divindade parece que titubeia irresoluta no

que há-de fazer.

ANFITRIÃO – caso fora da ordem natural estar eu vendo outro Anfitrião tão semelhante a mim!

SARAMAGO – Ficaram pasmados olhando um para o outro. E com razão, que o caso é para pasmar.

JÚPITER – Que te admira? Que te suspende? Se estás acaso arrependido dessa desatenção que em minha casa fizeste, eu te perdoo, pois sem dúvida erraste a porta.

ANFITRIÃO – Bárbaro, insolente, não é pasmo esta suspensão, é sim admirar o teu insulto e excogitar um novo castigo a tanta temeridade.

SARAMAGO – Esperem, Senhores Anfitriões. Antes que se matem um ao outro, deixem-me chamar quem os aparte. Ó'lá de dentro, venham a aparar o sangue, que se matam dous novilhos.

(Sai Alcmena)

ALCMENA – Que alboroto é este, Anfitrião?

ANFITRIÃO – Com quem falas, tirana e fementida traidora?

ALCMENA – Meu esposo, meu bem, que te fiz eu?

JÚPITER – Que é isso, Alcmena! Tu tens outro esposo senão eu?

ALCMENA – Agora reparo! Que é o que vejo!

ANFITRIÃO – Que vês, tirana?

JÚPITER – Que vês, aleivosa?

ALCMENA – Suspendei a ira, que sem razão me criminais, pois, confusa entre tanto enleio, não sei distinguir qual de vós é o verdadeiro Anfitrião. E assim, para que não chegue a ofender a quem por obrigação devo amar, vos rogo me digais qual de vós é o meu esposo.

JUPIT. e ANFITRIÃO – Sou eu.

ALCMENA – Ambos, como pode ser?

JÚPITER e ANFITRIÃO – Não, Alcmena, sou eu só.

ALCMENA – Se ambos afirmais que o sois, venho a entender que nenhum de vós é meu esposo.

SARAMAGO – Essa é a verdade, Senhora Alcmena, que nunca se viu uma galinha para dous galos.

(Saem Juno e Íris)

JUNO – Alcmena, venho a concluir a minha história... *(à parte)* Mas, ai de mim! Que vejo! Júpiter e Anfitrião são estes, porém tão parecidos que os não sei distinguir.

ALCMENA – Felizarda, com justa causa te admiras, se bem que uma só admiração não basta para este tão extraordinário caso.

ÍRIS – À vista desta confusão, bem podemos desmaiar na nossa empresa.

ANFITRIÃO – Quem se viu em maior labirinto!

JUNO – Quem se viu em maior consternação!

(Sai Cornucópia)

CORNUCÓPIA – Estará aqui o Senhor Anfitrião?

JÚPITER e ANFITRIÃO – Que quereis?

CORNUCÓPIA – Ui! Que é isto? A que del-Rei! Isto é feitiçaria!

SARAMAGO – Cala-te, tola! Eis aqui como me acho eu *verbis illis*.

CORNUCÓPIA – Que é isto, Senhora, que vejo? Dous Anfitriões não menos?

SARAMAGO – Hás-de dizer dous maridos não mais.

JÚPITER – Alcmena, vamos para dentro, que eu prometo castigar esse fingido traidor.

ANFITRIÃO – O que eu hei-de dizer, dizes tu? Tu é que és o fingido e traidor.

JÚPITER – Está bem. Anda, Alcmena.

ANFITRIÃO – Alcmena, anda comigo, que o teu esposo sou eu.

SARAM.(a parte) – Parece-me isto o jogo do arreburinho.

JÚPITER e ANFITRIÃO – Vamos, Alcmena.

(Cada um pelo seu braço ao lado puxando por Alcmena).

ALCMENA – Justos Deuses, quem se viu em maior confusão!

JÚPITER – Ainda recusas ir comigo?

ANFITRIÃO – Ainda resistes a acompanhar-me?

ALCMENA – Eu não posso ser de dous ao mesmo tempo.

SARAMAGO – Partilha em dous pedaços e cada um leve o seu taçalho.

ANFITRIÃO – Alcmena há-de vir comigo, apesar de toda a resistência.

JÚPITER – Tu te atreves a resistir-me? Vem, Alcmena.

ALCMENA – Felizarda, que farei neste caso?

JUNO – Eu to digo. Já que estes Senhores ambos dizem que são teus esposos, o que não pode ser senão um só, neste caso, por não fazer equivocada a eleição, a ambos desprezara até ver qual deles é o verdadeiro Anfitrião.

CORNUCÓPIA – Deu no trincho a Senhora Felizarda.

ANFITRIÃO – Pois, Alcmena, que determinas?

ALCMENA – Eu não hei-de seguir a nenhum, por que nenhum se ofenda.

ANFITRIÃO – Logo, tu, tirana, crês que eu não sou o verdadeiro Anfitrião?

JÚPITER – Logo, tu, inimiga, te persuades que o verdadeiro Anfitrião não sou eu?

ALCMENA – Porque ambos dizeis que sois verdadeiros, por isso algum de vós há-de ser fingido.

JÚPITER E ANFITRIÃO – O fingido é este.

(Aponta um para o outro)

JUNO – Alcmena, faz o que te digo e deixa esses loucos.

ANFITRIÃO – Esperai, que logo mostrarei qual é o verdadeiro Anfitrião.

ALCMENA – De que sorte?

ANFITRIÃO – Matando a este traidor.

SARAMAGO – Isso é, que com a morte tudo se acaba.

JÚPITER – Se me pretendes matar, não seja aqui dentro de casa. Vamos para fora e lá verás como castigo a tua insolência.

ANFITRIÃO – A minha cólera não espera por dilações. Aqui mesmo há-de ser o teu castigo, para que se banhe o rosto de Alcmena com os salpicos do teu sangue.

SARAMAGO – Tomara ela mais essa untura na cara.

JÚPITER – Já te entendo: queres brigar dentro de casa para que te acudam as mulheres? Pois não há-de ser assim.

(Cantam Júpiter, Anfitrião, Alcmena e Saramago e, ao mesmo tempo puxando pelas espadas, briga Anfitrião com Júpiter, e Alcmena, cantando, procura junta mente

apartá-los)

Ária a 4

JÚPITER – *Traidor fementido,*

Teu justo castigo

Não busques na casa,

No campo o verás.

ANFITRIÃO – *Traidor inimigo,*

No campo e na casa

Teu justo castigo

Covarde acharás.

SARAMAGO – *Armou-se a pendência?*

Pois eu neste canto

Me quero agachar.

ALCMENA – *Esposo, suspende*

Teu ímpio furor.

(Para Anfitrião)

ANFITRIÃO – *Aparta, inumana*

JÚPITER – *Que dizes, tirana?*

ALCMENA – *Esposo, suspende*

Teu ímpio furor.

Para Júpiter)

SARAMAGO – *O demo da tola*

Só sabe dizer:

Esposo, suspende (Em falsete)

Teu ímpio furor,

ANFITRIÃO e JÚPITER – *Traidor fementido,*

ANFITRIÃO e JÚPITER – *Na casa,*

No campo.

ANFITRIÃO e JÚPITER – *Teu justo castigo*

Covarde acharás.

ANFITRIÃO – *Vem a ver o teu estrago.*

JÚPITER – *Vem a ver o meu impulso.*

SARAMAGO – *Eu por mim já estou sem pulso.*

ALCMENA – *Contra mim voltai a ira*

Porque quem aflita expira

Já não teme de acabar.

(Desmaia Alcmena nos braços de Juno)

CORNUCÓPIA – *Ai, que se desmaiou a Senhora Alcmena! Eis aqui o que vossas mercês fizeram com os seus desafios.*

JÚPITER – *Desmaiou-se Alcmena!*

ANFITRIÃO – *Alcmena com desmaio!*

CORNUCÓPIA – *Sim, Senhores, e com um desmaio bem grande.*

SARAMAGO – *Não se assustem, que não é cousa de cuidado; é um desmaio*

acidental.

JÚPITER – Felizarda, enquanto vou buscar-lhe o remédio, tem cuidado na saúde de Alcmena.

(Vai-se)

ANFITRIÃO – Até essa piedade me ofende. Espera, traidor, aleivoso, que ainda que fique Alcmena nos últimos paroxismos da vida, hei-de seguir-te, pois primeiro está a minha vingança.

(Vai-se)

SARAMAGO – Senhora Felizarda, não consinta que a Senhora Alcmena torne a si do desmaio, que eu lhe vou buscar um remédio para tornar a si.

CORNUCÓPIA – Que remédio é, Saramago?

SARAMAGO – É água de flor de Sabugo, que meu amo agora destilou pelo lambique da testa.

(Vai-se)

JUNO *(à parte)* – Que haja eu de ser compassiva por força com quem me ofende! Oh! que ventura seria a minha, se tu, Alcmena, desse letargo nunca tornasses!

ÍRIS – Se te caiu nas mãos quem te ofende, vinga-te agora.

JUNO – Há-de ser mais patente a minha vingança.

CORNUCÓPIA – Olhem que está bem metida no desmaio! Ah, Senhora! Qual! Eu cuido que ela está morta.

JUNO *(à parte)* – Não fora essa a minha ventura.

CORNUCÓPIA – O minha senhora! O minha menina!

ALCMENA – Ai de mim, infeliz!

CORNUCÓPIA – Alvissaras, que já tornou a si.

JUNO *(à parte)* – Ai de mim, infeliz também, pois quando tu tornas de um desmaio, eu entro em outro!

ALCMENA – Felizarda, Cornucópia, que é isto? Aonde estou eu?

CORNUCÓPIA – Estás neste Mundo, podendo estar no outro.

ALCMENA – Em que parou o desafio desses dous Anfitriões?

JUNO – Foram-se, vendo-te desmaiada.

ALCMENA – E sabes se iriam a prosseguir o desafio?

JUNO – Ainda te dá cuidado a vida de dous aleivosos?

ALCMENA – Não vês que sempre um deles há-de ser verdadeiro, e por isso sempre interesse na vida de um deles.

CORNUCÓPIA – Deixemos isso, Senhora, que eu confio em Júpiter que ele há-de aclarar este enigma. E agora, que estamos sós, era razão que a Senhora Felizarda acabasse a história da sua peregrinação, que estou rebentando para ver-lhe o fim.

ALCMENA – Será em outra ocasião, que por ora não quero saber mais de penas, que à vista desta história da minha vida, nenhuma outra pode competir.

CORNUCÓPIA – Ai, Senhora, deixe-a contar, que já lhe faltava pouco. E por sinal que ficou a história onde dizia: um mancebo muito juvenil.

ALCMENA – Não faltará tempo para isso. O Deuses, quando terão fim os meus males?

(Vai-se)

JUNO – Vai-te, tirana, ocasião de minhas penas, que eu te juro que os teus males não terão fim, por mais que o queiram os deuses.

(Vai-se)

ÍRIS – Se Júpiter a defende, serão baldados os teus intentos.

(Vai-se)

CORNUCÓPIA – Pois tinha tal vontade se saber o fim da história desta mulher, que se eu estava prenhe não deixava de mover, que a meu ver há-de ser galante história, porque a tal mulher é muito perliquiteta e muito entremetida, de sorte que, não havendo um dia que está nesta casa, já nos quer governar e com tudo se quer meter.

(Sai Mercúrio)

MERCÚRIO *(à parte)* – Venho com cuidado se se encontraria Júpiter com Anfitrião, que seria um encontro mui desgraçado. Porém, pior encontro é o meu com esta velha. Tomara-me ir, sem que ela me veja.

CORNUCÓPIA – Aonde vás, Saramago? De quem foges? De quem te escondes?

MERCÚRIO – Pescou-me, não tem remédio.

(Sai Saramago ao bastidor)

SARAMAGO – Agora me ordena um de meus amos que venha saber se Alcmena tornou do desmaio. Porém, maoxas que eu torne com a resposta. Mas esperem vocês, que lá vejo outro Saramago nascido na minha horta. Mas eu lhe arrancarei as raízes...

CORNUCÓPIA – Dize-me: porque fugias de mim? Que mal te tenho eu feito? Assim pagas o meu amor?

SARAMAGO – Ai, que a mulher faz venda do seu amor, pois quer que lho paguem.

MERCÚRIO – Não sejas desconfiada que, se eu te não quiser, quem te há-de querer com essa cara?

CORNUCÓPIA – Ui! Deveras? Com que esta cara já tem bichos?

MERCÚRIO – Pelo que ela me fede, cuido que já tem bichos e varejas.

SARAMAGO – Também a mim já isto me vai cheirando muito mal.

CORNUCÓPIA – Tomara que me dissesses por que razão foges de mim, ao mesmo tempo que eu por ti morro!

SARAMAGO – Cal-te, que tu morrerás de verdade.

MERCÚRIO – Cornucópia, já não te posso aturar os teus despropósitos. Que te faço eu, mulher?

CORNUCÓPIA – Pois não é desamor o ver que, entre tantos despojos da campanha, não achaste para trazer-me alguma jóia prima com-irmã daquela que o Senhor Anfitrião trouxe?

MERCÚRIO – Não te desconsolés, que alguma cousa trago para ti da campanha.

CORNUCÓPIA – Que me trazes da guerra?

MERCÚRIO – Trago-te uma bala.

CORNUCÓPIA – Só isso me podias tu trazer.

MERCÚRIO – Não cuides que isto de bala é cousa de peça.

SARAMAGO – Traga-lhe uma jóia de pedras cornolinas.

CORNUCÓPIA – Só te digo que não dá quem tem senão quem quer bem.

MERCÚRIO – Quem não tem não pode dar; e quem quer bem dá abraços; e assim, se queres um, toma-o depressa.

CORNUCÓPIA – Aceito, por não ser descortês.

SARAMAGO – Agora isso é mais comprido.

(Sai)

Guarde os seus abraços, que para isso estou eu.

CORNUCÓPIA – Que diabo é isto! Outro Saramago?

SARAMAGO – Sim, Senhora! Outro Saramago! Mas eu não sou outro senão essoutro que aí está nessoutra tua ilharga.

MERCÚRIO – Você é tolo? Diz-me que sou outro? Não sabe que outro é burro?

SARAMAGO – Não me volte os sentidos da oração. O que digo é ser cousa escandalosa dar vossa mercê abraços em minha mulher.

MERCÚRIO – Qual mulher?

SARAMAGO – Esta que aqui está. Não a enxerga?

MERCÚRIO – Enxerga é parenta da albarda; albarda é cousa de burro; e veio-me a chamar outra vez burro.

SARAMAGO – Senhor meu, enxerga é cousa de palha, e eu entendo que vossa mercê quer empalhar este negócio a minha mulher.

MERCÚRIO – Pois isto é mulher?

SARAMAGO – Diz ela que sim. O mulher, desengana a este Senhor. Dize: tu não és mulher?

CORNUCÓPIA – Para servir a vossas mercês.

MERCÚRIO – Pois eu até ‘qui cuidei que era homem.

SARAMAGO – É boa casta de homem uma mulher desta casta.

CORNUCÓPIA – Senhores, eu, desde que nasci até o presente, sempre fui mulher. E daqui por diante não sei o que virei a ser, que quem está neste Mundo não pode dizer desta água não beberei. E, pois já sabeis que eu sou mulher,. tomara que me dissésseis qual de vós é o meu homem..

MERCÚRIO – O infame, duvidas que eu seja o teu marido?

CORNUCÓPIA – Na verdade, que aquele tanto se parece contigo,. que eu não sei qual é o verdadeiro.

SARAMAGO – Eu devia nascer com o mesmo fadário de Anfitrião.

MERCÚRIO – Agora me lembra: tu não és aquele que esta madrugada ficaste comigo de ser cousa nenhuma? Pois’ como agora te fazes Saramago?

SARAMAGO – Eu, ainda que me faço Saramago, não me contrafaço.

MERCÚRIO – Não queres acabar de crer que és um ninguém?

SARAMAGO – Se eu sou ninguém, logo sou alguma cousa?

MERCÚRIO – Alguma cousa és, porém, és uma cousa postiça e fingida.

SARAMAGO – Ora, Senhor, diga-me por vida sua, pois vossa mercê é Saramago?

MERCÚRIO – Não te convence esta forma e esta figura?

SARAMAGO – E a vossa mercê não o convence também esta figura e este bonecro?

CORNUCÓPIA – O caso é que são bem semelhantes.

MERCÚRIO – Logo somos dous verdadeiros Saramagos?

SARAMAGO – Dous Saramagos, isso sim; porém, dous Saramagos verdadeiros, isso não.

MERCÚRIO – Se tu dizes que sou Saramago, como negas que sou verdadeiro?

SARAMAGO – Porque bem podes ser Saramago, porém Saramago mentiroso.

MERCÚRIO – A natureza, que me fez estas feições e todo este todo, havia mentir?

SARAMAGO – Também a natureza pode mentir, pois não falta quem minta por natureza. *Verbi causa*: viste no arco da velha aquelas cores com que a natureza o veste de mil cores? Pois sabe que não são cores senão uma aparência enganosa e uma equivocação dos olhos. Eis aí, sem mais nem mais, a tua figura, pois ainda que te ostentes Saramago verde ou Saramago azul para corar o arco desta velha, contudo nem és verde, nem azul, nem Saramago, senão um engano dos olhos e uma logração da fantasia.

MERCÚRIO – Se eu tenho as propriedades do arco da velha, logo esta velha é minha de propriedade?

CORNUCÓPIA – Senhores meus, se isto é feitiçaria, eu renuncio o pato, ainda que seja com arroz. O que lhe digo é que concluam lá consigo qual é o meu marido.

MERCÚRIO – Mulher, deixa-me, que eu desenganarei a este louco. Ouves tu, manda vir um espelho.

SARAMAGO – Para que é o espelho?

MERCÚRIO – Para que te vejas e cotejes nele a tua cara com a minha, para que te desenganes que sou Saramago.

CORNUCÓPIA – Assim é. Saramago, vai buscar o espelho só para que este Senhor não fique com a sua.

SARAMAGO – Que importa não fique ao depois com a sua, se enquanto eu vou buscar o espelho ele fica com a minha, ficando contigo.

MERCÚRIO – Cornucópia, por ora, não é minha nem é tua. Vai buscar o espelho, que eu espero.

SARAMAGO – Pois espera, que eu vou e venho.

(Vai-se.)

CORNUCÓPIA – Homem, que é isto? Tu te tornaste em dous?

MERCÚRIO – Tu, liviana, é que queres ser do género comum de dous.

CORNUCÓPIA – Eu não sou comua, tu bem o sabes.

MERCÚRIO – Se és comua para dous ou se és privada para ele, eu não o sei. Porém, que queres que diga, vendo entrar um homem nesta casa e dizer que tu és sua mulher?

CORNUCÓPIA – Não te admires disso, porque á Senhora Alcmena lhe sucedeu o mesmo com outro Anfitrião que aqui anda como duende, e ainda agora estiveram para se matar um ao outro, como tu bem viste.

MERC *(à parte)* – Em grande aperto se veria Júpiter.

CORNUCÓPIA – E assim sem razão me acusas, quando vês que estou sem culpa.

MERCÚRIO – Pois eu te prometo que esse velhaco pague o engano que fabrica.

(Sai Saramago com o espelho)

SARAMAGO – Este há-de ser o juiz da nossa causa.

MERCÚRIO – Pois adverte que tens bom juiz, porque um juiz, para ser bom, há-

de ser como um espelho: aço por dentro e cristal por fora. Aço por dentro para resistir aos golpes das paixões humanas e cristal por fora para resplandecer com virtudes. E um Juiz desta sorte é o espelho em que a República se revê.

SARAMAGO – Quanto ao Juiz estamos nós bem, salvo as molduras, que, para os lados de um Juiz, cousa que se molda não lhe vem de molde.

MERCÚRIO – Bastam já tantas asneiras. Anda, vê-te ao espelho.

SARAMAGO – Agora me lembra, eu ao espelho não quero ver-me.

CORNUCÓPIA – Qual é a razão?

SARAMAGO – Porque não quero, como Narciso, namorar-me de mim mesmo.

MERCÚRIO – Seguro estás, que não te sucederá outro tanto.

SARAMAGO – Por que o diz vossa mercê? Por que sou feio? Pois saiba que muita gente se namora de cousas feias.

MERCÚRIO – Anda, vê-te ao espelho.

SARAMAGO – Ora vamos a isso. Eu vou tremendo, não me pareça eu com ele. A Ninfa Siringa seja em minha ajuda.

(Canta Saramago, vendo-se ao espelho, a seguinte)

Ária

É verdade! Eu sou aquele

E também aquele é eu!

Esta boca é como a dele,

O nariz é como o seu!

Ora estou desenganado.

Que eu e ele e ele e eu

Não se pode distinguir.

CORNUCÓPIA – Pois que dizes? É ou não é?

SARAMAGO – Leve o diabo o espelho, pois tão mentiroso é.

(Atira com ele e quebra-o)

CORNUCÓPIA – Ai, que me quebrou o Consultor da minha beleza! Que há-de ser deste desgraçado rosto sem o seu espelho?

SARAMAGO – Anda, aproveita os pedaços, que ainda terás vidros para rapar essa cara.

MERCÚRIO – Pois que vai? Te pareces comigo ou não?

SARAMAGO – Eu não me pareço contigo, tu é que te pareces comigo.

MERCÚRIO – Seja o que for, o ponto é que sejamos parecidos.

CORNUCÓPIA – Basta que o dissesse o meu espelho, que é mui verdadeiro. Mas ai, meu espelho!

MERCÚRIO – E agora, que resolves?

SARAMAGO – Em ser apostema em té arrebentar.

MERCÚRIO – Já que és apostema, sabe que nenhuma matéria tens para afirmares que Cornucópia é tua mulher.

SARAMAGO – Que maior razão pode haver para que ela seja mais tua do que minha, se ambos somos Saramagos, como disse o Juiz do nosso espelho?

MERCÚRIO – Porque eu sou Saramago verde e tu fingido.

SARAMAGO – Não vês esta cara e esta figura? Certo que a natureza não pode mentir.

MERCÚRIO – Respondo com aquilo do arco da velha.

SARAMAGO – Pois partamos o arco, que ambos triunfaremos.

MERCÚRIO – Não, Senhor, *aut Caesar, aut nihil*.

CORNUCÓPIA – Nem eu consinto que se parta o meu arco; tomara eu maior donaire.

SARAMAGO – Pois se quer, partamos o nome de Cornucópia.

MERCÚRIO – Na solfa do amor não há partitura.

CORNUCÓPIA – Nem o meu nome se pode partir, que é muito duro.

SARAMAGO – Agora não! Sabes de que modo?

MERCÚRIO – Dize.

SARAMAGO – Partida Cornucópia, tu ficarás com a cópia de seus carinhos e eu com o resto do seu nome.

MERCÚRIO – Isso é o mesmo que ficares tu com a cópia e eu com o original.

CORNUCÓPIA – Senhores, concluamos! De duas uma: ou ser de um só ou não ser uma de dous.

MERCÚRIO – Dizes bem. Anda comigo, Cornucópia, que eu sou teu marido.

SARAMAGO – Anda comigo, que teu marido sou eu.

CORNUCÓPIA – Eu aqui estou! Quem mais força tiver, esse me levará.

MERCÚRIO – Tu não ouves? Anda comigo!

SARAMAGO – Anda comigo! Tu és surda?

CORNUCÓPIA – Tenham mão, que eu para péla sou muito pouco enfeitada.

MERCÚRIO – Tu, maroto, queres experimentar a minha fúria?

CORNUCÓPIA – Senhores, não se matem por cousas poucas.

MERCÚRIO – Isto não se leva senão desta sorte.

(Brigam)

SARAMAGO – Ai de mim, que este homem quer que eu seja duas vezes paciente!

CORNUCÓPIA – Tem mão, Saramago.

MERCÚRIO – Não quero ter mão, só por ter pé de dar muito couce neste magano.

SARAMAGO – Pois eu ainda tenho mãos para ter mão nesse pé.

CORNUCÓPIA *(à parte)* – Isto não se aparta senão com um desmaio, como fez Alcmena. Acudam, Senhores, que me desmaio!

(Desmaia-se)

SARAMAGO – Ai, que se desmaiou Cornucópia também, como Alcmena! Ah, Senhor, façamos tréguas para enterrar este defunto.

MERCÚRIO – O desmaio de Cornucópia te deu vida.

SARAMAGO – Por tua culpa se desmaiou esta flor ou, para melhor dizer, derramaram-se as flores desta Cornucópia.

MERCÚRIO – Isso não pode ser desmaio; será algum estupor.

SARAMAGO – Porquê? Cornucópia não é muito capaz de se desmaiar?

MERCÚRIO – Os desmaios são para as filis⁷⁵ e não para as dragoas.

SARAMAGO – Pois entendamos que é um desmaio *ad stuporem*, e assim levemos a Cornucópia para dentro, para ver se torna em si.

MERCÚRIO – Leva-a tu só, já que dizes que és seu marido.

SARAMAGO – De sorte que você há-de levar as propinas de marido e eu hei-de aturar os encargos do matrimónio?

MERCÚRIO – Faça o que lhe digo, e tenho dito. (*À parte*) Ora tu verás o que te sucede.

(*Vai-se*)

SARAMAGO – Visto isso, serei duas vezes paciente. Mas eu não me atrevo, só, a carregar com esta baleia. Irra, como pesa! Agora vejo que isto não é acidente nem desmaio, é pesadelo. Ora vamos arrastando este fardo, que quem atura a carga, é bem que leve a bucha. Oh! quanto me pesa o teu desmaio!

(*Vai-se*)

(*Haverá muita gritaria e Cornucópia se transforma em um Anão*)

CENA IV

(*Bosque. Sai Juno*)

JUNO – Verdes álamos desta Selva, símbolo da inconstância de um esposo que, sendo Deidade por natureza, parece que tem por natureza o ser inconstante. Incultas flores, que neste campo sem artifício produziu a Primavera, retrato do instantâneo bem que possuo, pois a glória que devera lograr eterna, um esposo faz com que seja momentânea. Despenhado arroio, que em precipícios de neve sois imagem de meu pranto, que podendo eu emprestar risos á mesma aurora, um esposo tirano a tantos suspiros e lágrimas me provoca. E assim, já que o furor dos zelos me incita, basilisco serei entre esses ramos, áspide entre essas flores, crocodilo entre essas águas; pois basilisco, áspide e crocodilo tudo são zelos. É possível que me veja eu sem Júpiter e Alcmena com ele! Alcmena logrando os seus carinhos e eu sentindo os seus repúdios! Oh! Não sei como não abraso a esfera do fogo com o fogo dos meus zelos!

(*Sai Júpiter na forma de Anfitrião*)

JÚPITER – Viste acaso por aqui Alcmena?

JUNO (*à parte*) – Se buscas a Alcmena, Anfitrião, te direi onde ela está.

JÚPITER (*à parte*) – Esta cuida que sou Anfitrião.

Verdade é, Felizarda, que busco a Alcmena para alívio da chama em que me abraso.

JUNO – Pois ela agora ficou no jardim, vai sem dilação a vingar-te, que seria deslustre da tua pessoa, sabendo vencer a tantos inimigos na campanha, não saber castigar a uma mulher que o teu crédito desdoura.

JÚPITER (*à parte*) – Muito te devo, Felizarda, pois com tanta eficácia me persuades purifique a minha honra, vendo também o quão pouco te deve Alcmena, pois tanto solicitas a sua morte. Ah, traidora!

JUNO – Nada me debes nisso, pois esta eficácia nasce do desejo que tenho de te não ver infamado, quando sei és digno de mais heróica fama. E enquanto a dizes que pouco me deve Alcmena, também importa pouco que se arranque do Mundo um infame

padrão que desautoriza a honestidade que deve conservar uma mulher de bem.

JÚPITER (*à parte*) – Pois tu verás de que sorte eu me vingo. Não vi mais tirana mulher!

(*Vai-se*)

(*Enquanto Juno. voltada para um lado, diz o que se segue. sairá Anfitrião e se porá no mesmo lugar onde Júpiter estava, com espada na mão*)

JUNO – Quando se perca o conselho, ao menos desafogo a minha dor. Mas que é isso, Anfitrião? Se já desembainhaste a espada, para que dilatas o castigo de uma traidora?

ANFITRIÃO – Hoje verá o mundo correr do peito de Alcmena e daquele fementido traidor dous rios de sangue para neles purificar as manchas da minha honra.

JUNO – Não se esperava menos do teu brio. E, pois Alcmena está no Jardim, faze com que as suas flores todas sejam purpúreas, regando-as com o sangue dessa que te ofende.

ANFITRIÃO – O meu brio não necessita de estímulos para a vingança; bastante causa são os meus zelos, suficiente incentivo é a minha afronta. Verás, Felizarda, embainhar nos peitos desses dous traidores esta espada, para que paguem com a vida os seus delitos.

(*Vai-se*)

JUNO – Ai, infeliz, que não sabes que o traidor que te ofende vive isento da tua fúria, pela imortalidade que goza!

(*Sai Saramago ao bastidor*)

SARAMAGO – Hei-de apurar a panela do amor, ainda que chegue a comer Salgado. Verei agora, entre estas ramas escondido, em que pára isto de Cornucópia para vingar a minha afronta, pois quero que saiba o Mundo que não sou Cornélio Tácito.

(*Sai Tirésias*)

TIRÉSIAS – Flérida, que delito cometeram os meus olhos, para que os castigues com a privação da tua formosura?

SARAMAGO – Ui, Felizarda chama-se Flérida! Bonito! Ora isto há-de ser galante! *Audiamus*.

JUNO – Tirésias, tu contas os instantes que me não vês, mas não numeras as dilações que fazes em cumprir o que prometeste sobre a vingança de Alcmena.

TIRÉSIAS – Como é possível que em tão poucas horas pudesse executar o teu preceito? Estes troncos não nasceram sem tempo nem estas plantas se produziram em um instante. Primeiro se há-de semear a cizânia para se colher o fruto da vingança.

SARAMAGO – Cizânia temos? Alguma cousa querem estes furtar a Alcmena.

JUNO – Se Alcmena fora cúmplice de algum delito, que fineza me fazias tu em castigá-la?

TIRÉSIAS – Também poderia eu dissimular o seu delito.

JUNO – Cala-te, traidor, falso! Já te arrependes do que me tens prometido? Se te não move o seres Rei de Teleba, bastava a confissão que fizeste do teu amor. Vai-te,

que em corações tibios se não pode conservar amor constante.

TIRÉSIAS – Meu bem, suspende os rigores, porque eu...

JUNO – Já sei, que como também amas a Alcmena, por isso, compassivo, recusas o castigá-la.

TIRÉSIAS – O Flérída. para que vejas frustrada a tua presunção, dize: de que sorte te queres ver vingada de Alcmena?

SARAMAGO – Agora, Saramago, orelha de palmo!

JUNO – Agora que Alcmena se acha no jardim, era boa ocasião de a matares e nunca poderás ser cúmplice na sua morte, pois, sem dúvida, se há-de atribuir o delito a Anfitrião, como ofendido das levandades de Alcmena.

SARAMAGO – Não é cousa de cuidado, é só um pau por um olho!

TIRÉSIAS – Que levandades são as de Alcmena? Peço-te que mas refiras.

JUNO – Quê? Tens zelos?

TIRÉSIAS – Se cuidas que o pergunto por isso, já o não quero saber; só, sim, executar os teus preceitos.

JUNO – Pois sabe que o meu amor será o menor prémio dessa fineza.

TIRÉSIAS – Ai, Flérída, se o teu amor é a menor fineza, qual será a maior do teu amor?

JUNO – Anda, vai, não te dilates.

TIRÉSIAS – Pois, Flérída, eu vou. Adverte que, por ti, farei muitos impossíveis.

(Vai-se)

JUNO – Bom é prevenir o golpe com dous tiros, pois, no caso que se erre o golpe de Anfitrião, se acerte o de Tirésias, que é justo haver para duplicadas ofensas duplicadas vinganças.

(Sai Saramago)

SARAMAGO – Vou depressa avisar a Alcmena disto que agora ouvi, que ao menos acho que me dará um bom prémio.

JUNO *(à parte)* – Ai de mim, que este criado me esteve ouvindo! Porém eu te suspenderei os passos para que não noticies a Alcmena o que ouviste.

SARAMAGO – Tomara ter asas nos pés para ir *ad bolandum*.

JUNO – Converte-te em tronco para que não possas passar daí.

(Vai-se)

(Converte-se Saramago em árvore)

SARAMAGO – Que diabo é isto! Que terei eu nos pés que não posso andar? Que rémora terrestre me suspende o impulso dos joanetes? Quem me agarra nos pés? A que del-Rei, ladrões! Mas que vejo! Eu estou convertido em árvore, de que não há dúvida! As pernas e coxas são troncos e o mais esgalhos e folhas! Quem me fez este benefício supôs que eu era algum cepo. Andar, aqui farei penitência dos meus pecados e, já que me acho convertido, será para mim esta árvore de penitência.

(Sai Cornucópia com um pau na mão)

CORNUCÓPIA – Que diabo terá este Saramago, que tanto tarda em vir ajudar-me

a varejar a azeitona? Saramago! Saramago!

SARAMAGO – Que me queres. Cornucópia?

DENTR. MERCÚRIO – Cornucópia, já vou.

CORNUCÓPIA – Chamo por um e me respondem dous! Estou bem aviada se se encontram outra vez os dous Saramagos! Anda depressa, Saramago!

SARAMAGO – Tem paciência, que não posso ir, nem depressa nem devagar.

CORNUCÓPIA – Aonde estará este maldito que me responde?

(Sai Mercúrio com um pau na mão)

MERCÚRIO – Que pressa tens! Não te respondi que já vinha?

CORNUCÓPIA – Sabes porquê? Quando te chamei me respondeu aqueloutro Saramago fingido e temo que aqui venha a dar connosco.

SARAMAGO – Ah! perra, que venho a dar contigo em ocasião que te não posso dar.

MERCÚRIO – Que importa que ele venha? Se vier, levará com este varapau.

SARAMAGO – Irra! Vejam lá de que escapei!

CORNUCÓPIA – Varejemos depressa a azeitona, que depois iremos a descansar.

SARAMAGO – Que hei-de eu estar ouvindo isto aqui a pé quedo sem poder fugir daqui! E tormento nunca visto!

MERCÚRIO – Por qual oliveira começaremos?

MERCÚRIO – Por esta, que está bem carregada.

SARAMAGO – Basta que eu passei de Saramago a oliveira e que por meus pecados hei-de ser varejado! Mas a mim que se me dá, pois, se sou tronco, hei-de ser insensível.

(Dão os dous na árvore)

SARAMAGO – Ai, que me derreiam! Ai, que não sou insensível!

CORNUCÓPIA – Dá-lhe com bem força, para cair muita azeitona.

SARAMAGO – Ainda pode ser com mais força? Ai, que me derreiam!

MERCÚRIO – Dá-lhe dessoroutra banda que eu lhe darei de cá.

SARAMAGO – Ai, Senhores, que morro ao cair da folha como tísico!

MERCÚRIO – Não ouves umas vozes, como de quem se lamenta?

CORNUCÓPIA – E verdade. Vamos ver quem é. Anda, Saramago.

(Vão-se)

SARAMAGO – Vão-se cos diabos, que me puseram a ver jurar testemunhas. A isto é que eu chamo dar um bom varejo. Pelo menos, já me posso desvanecer que sou um moço bem sacudido.

(Sai Júpiter com um punhal na mão)

JÚPITITER – Depois que Anfitrião, zeloso, se apartou de Alcmena, a não pude ver mais. Ai, querida Alcmena, quem pudera lograr as tuas delicias sem rebuços e transformações! Pois, ao mesmo tempo que logro os teus favores, me escandaliza a tua isenção! E para que o saiba o Céu e a terra, o esculpirei nos troncos para que em um e outro globo viva imortal a minha fineza. Seja, pois, este tronco, por ser o primeiro que encontro, o mais venturoso que conserve em si esculpido o nome de Alcmena.

SARAMAGO – Que diabo quererá Anfitrião que se vem chegando para mim com uma faca de mato? Resta-me que queira cortar-me algum esgalho.

JÚPITER – Árvore feliz, conservarás em teu tronco o nome de Alcmena, apesar das injúrias do tempo.

SARAMAGO – Este sim, que busca o tronco e não é como os outros, que andaram pela rama.

JÚPITER – Desta sorte quero escrever o nome de Alcmena neste tronco para eterno padrão da minha fineza.

(Escreve Júpiter em Saramago, isto e. no tronco da mesma árvore em que está transformado, a seguinte)

Décima

*Desse tronco na dureza
Teu nome, Alcmena. estampado
Eternize o meu cuidado
Por troféu dessa beleza.
Viverás, árvore, ilesa
Do tempo ao fero rigor
Sempre em perene verdor
Por que cresçam em vivas chamas
Nas flores de tuas ramas
Os frutos do meu amor.*

SARAMAGO – Ai, que me rasga as coxas e as pernas! Lá vai a veia artéria cos diabos!

JÚPITER – Mas que vejo! O tronco destila sangue? E caso nunca visto!

SARAMAGO – E para que vejam os Senhores Poetas que o escrever uma décima custa gotas de sangue.

JÚPITER – Não sei a que atribua isto!

SARAMAGO – Ah, Senhor Anfitrião, tome-me o sangue, que me estou vazando como um cesto roto. Olhe que lho peço: com lágrimas de sangue, destiladas das fontes das minhas pernas.

JÚPITER – Este é Saramago, que está convertido em árvore, Quem transformaria este miserável? Mas quem havia de ser senão Mercúrio, para lhe fazer alguma peça? Pois eu o restituirei á sua antiga forma, sem que ele saiba que lhe faço esse benefício, por que não suspeite em mim alguma Divindade.

SARAMAGO – Senhor, acuda-me! Olhe que sou Saramago, que estou preso aqui neste tronco.

JÚPITER – Torna-te, homem, à tua antiga forma.

(Vai-se)

(A árvore se desfaz e fica Saramago como de antes)

SARAMAGO – Ora, graças a Júpiter, que depois de tanta tormenta fiquei desarvorado. Porém que fiz eu, pobre de mim, para me ver sacudido, varejado e arranhado, sem que me bastasse ser oliveira para ter comigo a paz? Ora paciência!

Vamos para dentro a imaginar de que enxerto nasceria esta árvore. A curar-me não irei, porque já vou muito bem sangrado e carregado de pancadas.

(Sai Íris)

ÍRIS – Espera! Adonde vás com tanta pressa?

SARAMAGO – Agora é que tu vens ao atar das feridas?

ÍRIS – Que te sucedeu?

SARAMAGO – Nada. Apodreceu-me o corpo de sorte, que já tem varejas.

ÍRIS – Pois conta-me o que foi.

SARAM. *(à parte)* – Tenho pejo de lhe dizer a minha fraqueza, por vida minha.

ÍRIS – Como não queres falar, fica-te embora.

SARAMAGO – Espera, que eu to digo. Como o meu amor já por aí anda corrupto, apodreci de muito maduro, de sorte que ando caído aos pedaços, pois nas tuas vozes me ficam as orelhas, nos teus ouvidos a língua, na tua cara os olhos, nos teus pés o coração, e só no teu desdém estou pelos cabelos, por te não vir a pelo a minha fineza.

ÍRIS – Não sei se te creia.

SARAMAGO – Eu era de parecer que sim. E, para que me creias o que digo em prosa, o mesmo te direi em verso, porque, graças a Cupido, tanto sei amar em prosa como em verso. E assim, escuta, Corriola, este

Soneto

*Jogou o amor comigo o toque emboque.
Mas no taco não teve um só despique,
Nos centos lhe tangi um tal repique,
Que os ouvidos tapou ao som do toque.*

*Na batalha de amor lhe dei um choque,
No triunfo da fineza pus-lhe um pique,
Vénus arrenegada, que eu embique,
Deu-me por certa Dama um bom remo que.*

*Estendeu-se na banca, como um leque.
No burro se ficou como um basbaque
E as tábuas furou do calambeque;*

*Mas deu co ás de copas um tal traque
Que à chalupa arrombando-se-lhe o beque.
Na corriola quis que eu desse o baque.*

ÍRIS – Á vista desse extremo, não quero ser desagradecida. Porém, para que eu acabe de ver o teu amor, me hás-de declarar uma causa que te quero perguntar.

SARAMAGO – Não sabes que o amor é a chave mestra de todos os peitos? Dize o que queres, que eu...

(Aparece Mercúrio a bastidor)

Mas espera! Valha-te o diabo, maldito fingido Saramago, que sempre me

persegues! E por que com tua falsa aparência não desfaças o bom principio de meu amor, quero retirar-me até que te vás.

MERCÚRIO (*à parte*) – Saramago, tanto que me viu, mudou de cor. Parece que não gosta de ver-me.

ÍRIS – Quero, pois, que me digas.

SARAMAGO – Espera, que para responder-te com mais sossego vou ali fora tirar-me de um cuidado e já venho.

ÍRIS – Vai depressa.

SARAMAGO – Não tardarei um instante.

(*Vai-se*)

ÍRIS – Verei se descubro o enigma destes dous Anfitriões para que Juno tenha alívio na sua pena.

(*Sai Mercúrio na forma de Saramago.*)

MERCÚRIO (*à parte*) – Faço particular gosto em lograr a este tonto Saramago.

ÍRIS – Bem disseste que não tardarias um instante e depressa vieste.

MERCÚRIO – Para obedecer-te tenho asas nos pés como Mercúrio.

ÍRIS – Já vou crendo que és verdadeiro amante e, para acabar de o conhecer, quero que me digas, se sabes, qual destes é o verdadeiro Anfitrião, que tu o hás-de saber melhor que ninguém.

MERCÚRIO (*à parte*) – Agora encravarei mais a Anfitrião.

Prometes tu não dizer nada do que eu te disser? Olha que isto é matéria de grande peso!

ÍRIS – Fia de mim que ninguém o saberá.

MERCÚRIO – Como tu já sabes que um dos Anfitriões não é verdadeiro, a este fingido só eu o conheço e só de mim se fia, e só mostrando-to com o dedo o poderás conhecer.

(*Sai Sara mago ao bastidor*)

SARAMAGO – Ainda lá está, o maldito, e Corriola cuida que sou eu. Ora esperemos que se vá.

ÍRIS – E quem é esse tal fingido?

MERCÚRIO – O que te posso dizer é que é homem nobre e de grande esfera.

ÍRIS – Ora vem mostrar-mo, meu Saramago do meu coração.

SARAMAGO (*à parte*) – Oh! Quem pudera responder-te!

MERCÚRIO – Vamos e verás.

(*Vai-se*)

ÍRIS – E que boa nova levarei a Juno!

(*Vai-se*)

SARAMAGO – Espera, Corriola, que não sou eu o que te leva! Ah, cão de mim, que fui tão basbaque que te deixei exposta à inclemência desse tirano que se aproveita do meu suor. Mas, ainda que eu sue o farrapo, ela não há-de ser sua. Peguem nesse

magano! A que del-Rei, ladrões!

CENA V

(Jardim onde haverá uma fonte e ou pé desta um assento e sai Alcmena)

ALCMENA – Adonde achará alívio uma desgraçada, pois em qualquer lugar encontro um cadafalso, cada tronco se me representa uma morte, cada planta um verdugo e cada flor um martírio? Esta funesta fantasia vive tão ocupada de tristes ideias, que sem saber quem me ofende, em tudo o que vejo acho uma vingança, em tudo o que encontro erijo um suplício. Ai, Anfitrião, quem te pudera mostrar a minha inocência para que achasse alívio este aflito coração que, tímido, até as sombras o assombram e sobressaltam!

(Canta Alcmena a seguinte)

Ária

*A tímida corça,
Que pávida teme
Da rama que treme
No bosque agitada
Do vento veloz.
Assim eu, aflita,
Sem causa, assustada,
Me sinto ultrajada
De um mal tão atroz.*

(Depois que Alcmena canta, assenta-se ao pé da fonte e sai Júpiter com espada na mão)

JÚPITER – Já não há tronco adonde não se veja esculpido o nome de Alcmena e não é justo que eles só tenham essa glória. Mereça também o mármore daquela fonte conservar em sua dureza o feliz nome de Alcmena, que nele viverá mais perpétua a sua memória e o meu amor. Mas que vejo! Aquela é Alcmena que, na mesma fonte reclinada, entregou as potências ao Império de Morfeu. Dorme, Alcmena, que, se tu amaras como eu, nunca dormiras nem dormindo descansarás.

(Sai Anfitrião por um lado e Tirésias por outro, com espadas nas mãos, e Júpiter se retirará para junto de Alcmena)

TIRÉSIAS – Bem dizem que o amor é um inferno, pois de um abismo me conduz a outro abismo, porque hoje há-de morrer Alcmena inocente pelo delito de amor.

ANFITRIÃO – Oh! Que piedade! Que hajam de afrontar ao esposo as leviandades da esposa! Pois morra Alcmena, já que assim o quer o Mundo e os meus zelos.

JÚPITER – Quanto mais a vejo, mais me assombra a sua beleza, pois, hidrôpicos, os meus olhos não se fartam de ver por mais que vejam tão rara formosura.

TIRÉSIAS – Aquela é Alcmena que está dormindo. Ai, infeliz beleza, que desse sono passarás a outro mais profundo!

ANFITRIÃO – Mas que vejo! Ali está Alcmena junto daquela fonte! Ai, desgraçada formosura, que nem todas essas águas apagarão as chamas do meu ciúme!

(Alcmena sonhando)

ALCMENA – Esposo Anfitrião, não manches tão generosa espada em sangue de uma inocente.

JÚPITER – Alcmena está falando em sonhos e parece está aflita com alguma funesta fantasia. Quero acordá-la.

ANFITRIÃO e TIRÉSIAS – Morre, infeliz Alcmena.

(Ambos fazem acção de a matar)

JÚPITER – Alcmena, acorda. Porém, que vejo!

ALCMENA – Anfitrião..., suspende... pois... mas, ai de mim, que vejo! Todos três com espadas vindes a matar-me? Que é isto, Senhores?

TIRÉSIAS – Frustrou-se o meu intento. *(À parte.)* Mas que vejo! Dous Anfitriões ao mesmo tempo?

ANFITRIÃO – Que é isto, traidor? Também vinhas matar a Alcmena, para com esta acção mostrares ao Mundo que és o verdadeiro Anfitrião, no brio com que vingas o teu ciúme?

JÚPITER – E tu, fementido, com o mesmo dissimulo que de mim imaginas, vens a ser cúmplice de uma morte, querendo com um delito salvar outro delito?

ALCMENA – Senhores, que suspensão é esta? Que delito cometi eu para tanta vingança? E se cometi algum, como todos quereis ser parte do meu castigo?

TIRÉSIAS – Eu, Alcmena, não vim a ofender-te, mas sim a estorvar a tua desgraça conjurada contra ti, por aviso que dela tive, e como supremo Ministro desta República me era lícita esta acção.

JÚPITER – Nem eu, Alcmena, vinha a matar-te, que bem sei a tua inocência, mas sim a este traidor, que me disseram estava neste jardim para ofender-te.

ANFITRIÃO – Pois confesso que não só vinha matar a Alcmena, mas também a este tirano usurpador da minha honra, pois com dissimulada forma e fantástica aparência me roubou com a honra a esposa, fingindo ser o verdadeiro Anfitrião. E assim, por mais que mo impeças, hei-de executar a minha vingança, matando a ambos.

(Brigam os dous)

TIRÉSIAS – Assim se atropela o meu respeito? Suspendei as armas.

ALCMENA – Ai de mim! Não há quem estorve esta desgraça?

ANFITRIÃO – Hoje serás vítima de minhas iras.

JÚPITER – E tu sacrificio de minha vingança.

ALCMENA – Não há quem acuda? Ó'lá! Ó'lá!

(Saem Mercúrio na forma de Saramago, Polidaz, Juno, Cornucópia, Íris e um Soldado e irão falando o que se segue)

JÚPITER – Ai de mim, que se não logrou o meu intento!

MERCÚRIO – Sempre disse que isto havia de suceder

ÍRIS – Agora se saberá este enigma.

CORNUCÓPIA – Ai, senhora, fujamos depressa antes que nos matem.

POLIDAZ – Suspendei os impulsos! Mas corno é isto? Dous Anfitriões? Quem viu caso mais extraordinário! Tirésias, que sucesso tão estranho é este?

TIRÉSIAS – Polidaz, também eu estou na mesma dúvida e com a mesma admiração. Porém, com averiguar este caso saberemos o que é isto.

ALCMENA – Tirésias, é justa essa averiguação, para que se saiba a minha inocência. E assim principiarei eu a dizer: Bem sabeis que sou casada com Anfitrião.

JÚPITER – Não te canses, que eu o direi em duas palavras: Tirésias, vim da guerra dos Telebanos; triunfei, como sabeis; e quando cuidei lograr nos braços de Alcmena os frutos da paz, veio este fementido introduzir-se também em casa, tomando a minha forma por alguma arte mágica, sem dúvida para fazer os distúrbios que tendes visto.

ANFITRIÃO – Tudo isso é engano, Tirésias, pois o verdadeiro Anfitrião sou eu. E como a verdade não necessita de prova, a mesma verdade seja a que me defenda.

TIRÉSIAS – Esperai! Vamos por partes: Alcmena, qual destes é o teu esposo?

ALCMENA – Eles são tão parecidos que confesso não os sei distinguir.

TIRÉSIAS – Cornucópia, qual destes é o teu amo?

CORNUCÓPIA – Eu, Senhor, sou pouco filósofa para fazer distinções, mas se me pergunta pela verdade, digo que ambos são meus amos, porque eu sou muito cortês.

TIRÉSIAS – Diga o criado agora.

ÍRIS – Agora, Saramago, é boa ocasião de mostrares qual é o fingido.

MERCÚRIO – Quem duvida que este é o verdadeiro Anfitrião, (*Para Júpiter*) e aquele o fingido? (*Apontando para Anfitrião*)

JÚPITER (*a parte*) – Bom foi ter aqui Mercúrio da minha parte.

ANFITRIÃO – Que dizes, Saramago! Não sabes que sou teu amo Anfitrião? Não me conheces? Dize, velhaco!

MERCÚRIO – Senhor, não tem que se cansar, que eu hei-de dizer a verdade, mais que seja contra mim: Senhores, saberão vossas mercês que essoutro Anfitrião que aí está, quando viemos da guerra me disse que ele, por lograr os agrados da Senhora Alcmena, de quem vivia cheio de amor até os olhos, fora ter com um Nigromântico e que este lhe untara o rosto com certo óleo *serpentorum*⁷⁹, para se parecer com o Senhor Anfitrião. E para melhor fazer o seu papel me pediu que eu o apoiasse, dizendo que ele era o verdadeiro Anfitrião, para o que também me untou as mãos com uma bolsa cheia de dinheiro. E eu, como sou amigo destas bacatelas, o introduzi com a Senhora Alcmena, de pés e cabeça. E assim, pois confesso a verdade, peço que me perdoem este delito.

JUNO (*à parte*) – Vejam a traça por onde Júpiter se quis introduzir!

ÍRIS (*à parte*) – Se não é Saramago, nada se sabe.

ANFITRIÃO – Que é o que dizes, embusteiro? Estás fora de ti?

TIRÉSIAS – Basta, basta! Já está descoberto o enigma.

ANFITRIÃO – Tirésias, adverti que este criado mente, porque eu...

TIRÉSIAS – Não tens que dizer mais.

ALCMENA – E, pois a minha inocência se patenteia, peço-vos, Tirésias, que castigueis a insolência desse traidor.

ANFITRIÃO – Como, tirana, se o verdadeiro Anfitrião sou eu?

JÚPITER – Quereis ver a verdade mais claramente provada? Esperai. Dizei-me: Quando viestes da guerra, entrastes no Senado com pompa triunfal?

ANFITRIÃO – Confesso que não, porque quando vim de casa não achei a Polidaz, que tinha ficado esperando por mim.

POLIDAZ – Isso é falsíssimo, pois Anfitrião veio de casa e achou-se no mesmo lugar aonde fiquei esperando por ele e ambos fomos ao triunfo.

TIRÉSIAS – Eu sou testemunha que laureei a Anfitrião no Senado.

JÚPITER – Pois se ele confessa que não foi ao triunfo, e vós outros também vistes que entrei triunfante no Senado adonde me laureastes, claro está que o verdadeiro Anfitrião sou eu e este o fingido.

ANFITRIÃO – Oh! Júpiter soberano! Quem se viu em maior labirinto!

MERCÚRIO (*à parte*) – Chama por Júpiter, que ele muito bem se acudirá.

CORNUCÓPIA – Ah, Senhores, se se não castiga este desaforo, daqui á manhã nos havemos ver inçadas de Anfitriões como de porsovejos.

(*Sai Saramago*)

SARAMAGO (*à parte*) – Venho avisar a Alcmena do que ouvi escondido entre as ramas. Porém, cá está muita gente.

MERCÚRIO – Saramago aí vem. Pois vou-me, que assim me convém.

(*Vai-se*)

ALCMENA – Tirésias, que suspensão é esta? Porque não castigais a este traidor, a este fingido?

TIRÉSIAS – Agora o verás. Tu, Polidaz, leva a esse fingido Anfitrião para o cárcere, de donde será levado para o suplício, pois legalmente se acha provada a sua culpa.

ANFITRIÃO – Que é o que dizes, Tirésias? Como castigas ao inocente e deixas ir livre ao culpado?

SARAMAGO – Ai, que parece que vai o diabo em casa do Alfacinha!

TIRÉSIAS – Não tendes que replicar. Levem-no!

ANFITRIÃO – Tende mão, porque eu não sou quem cuidais.

TIRÉSIAS – Isso sei eu muito bem.

JUNO – Sem dúvida Anfitrião é o que vai preso e Júpiter é o que fica livre. Pois não há-de ser assim. Tirésias, adverte que também Alcmena merece castigo, pois ela em diversas ocasiões tratou a ambos como a esposos; e assim é certo que ofendeu a seu marido verdadeiro; que segundo as leis, também deve morrer.

ALCMENA – Que é isso, Felizarda? Tu és contra mim? Assim pagas a hospedagem que te dei?

TIRÉSIAS (*à parte*) – Bem entendo a Flérída.

SARAMAGO (*à parte*) – Vejam se lha pregou de maço e mona.

TIRÉSIAS – Tem razão Felizarda no que diz. Vem, Alcmena, comigo, para seres sacrifício no templo de Júpiter.

ALCMENA – Tirésias, que dizes? Eu hei-de pagar o engano alheio?

TIRÉSIAS – Se o teu delito está provado, não há mais remédio que morrer.

ALCMENA – Como o ânimo distingue os malefícios, não mereço morrer, pois no meu ânimo sempre tive por esposo aquele que me parecia com tanta realidade verdadeiro.

TIRÉSIAS – Dos ânimos e afectos interiores só os deuses supremos são os juízes, que nós, os Ministros da terra, sentenciamos pelo que vemos exteriormente. E pois não negas que admitiste a dous Anfitriões, sempre violaste a pureza do tálamo. E assim, anda comigo.

JUNO (*à parte*) – Bem hajas, Tirésias, que assim me vingou.

JÚPITER – Desse delito só pertence ao esposo a sua acusação.

E não a acusando eu, porque estou certo que com malícia não violou o tálamo,

logo não podeis castigá-la, quando eu a não acuso.

TIRÉSIAS – Não só é o esposo o ofendido, mas também a República, a quem incumbe castigar os delitos para emenda de outros e conservação da virtude, na qual consiste toda a justiça.

ALCMENA – Esposo, defende a minha inocência, pois tu bem sabes

JÚPITER – Alcmena, contra um empenhado nada vale. E pois Tirésias assim o quer, não recuses ir ao sacrifício de Júpiter. Vai sem susto, que Júpiter te defenderá.

(Vai-se)

ANFITRIÃO – Já, tirana, irei a morrer mais consolado, vendo que tu também não ficas sem castigo.

ALCMENA – Por ti, fementido traidor, vou a morrer sem culpa.

ANFITRIÃO – Por ti, sem delito vou a penar, cruel Alcmena.

CORNUCÓPIA *(à parte)* – Eu estou capaz de me dar um acidente de verdade.

SARAMAGO *(à parte)* – Eu estou com o coração tafe-tafe, vendo isto no que pára.

POLIDAZ *(Para Anfitrião)* – Vamos, vamos.

TIRÉSIAS – Alcmena, vem.

ALCMENA – Justos Deuses, porque não vos compadeceis de mim que sou uma inocente?

ANFITRIÃO – Deuses justos, ou injustos, porque consentis tão bárbara injustiça?

TIRÉSIAS e POLIDAZ *(Cada um para o seu)* – Anda, vamos.

ANFITRIÃO – O Júpiter, compadece-te de minha inocência.

TIRÉSIAS – E vós, Soldados, levai também Saramago para a enxovia, bem carregado de ferros, pois foi quem introduziu o fingido Anfitrião em casa de Alcmena.

(Vão-se)

SARAMAGO – Espere, Senhor Tiricia, que é o que diz?

SOLDADO – Ande, ande, Senhor Saramago.

SARAMAGO – Vossa mercê me não há-de ensinar a andar, que, quando vossa mercê nasceu, já eu engatinhava.

SOLDADADO – Vamos para a cadeia, que assim manda o Senhor General:

SARAMAGO – Não se canse, que eu não vou, sem saber primeiro o porque vou preso.

ÍRIS *(à parte)* – Não vi sentença mais bem dada.

SOLDADADO – Venha, que lá lho dirão muito bem dito.

SARAMAGO – Cornucópia. tu não sabes porque me prendem?

CORNUCÓPIA – Por culpa da tua língua. Quem te mandou ser falador.

SARAMAGO – Nunca eu tive a língua mais presa do que agora que vou preso pela soltura de língua, como dizes.

SOLDADADO – Vamos depressa, que já lá vão os outros.

SARAMAGO – Pois, Senhor, hei-de ir preso assim sem mais nem menos?

CORNUCÓPIA – Anda, vai-te, que agora pagarás os fingimentos que tens feito e talvez que também por isso vás preso.

SARAMAGO – Não, se eu por isso vou preso, logo me soltarão. Porque eu sou o verdadeiro Saramago, se não me engano.

SOLDADADO – Ande já, cos diabos!

SARAMAGO – Sim, Senhor, eu vou cos diabos, pois vou com vossa mercê. Mas

antes que vá, deixe-me dar um abraço a minha mulher.

CORNUCÓPIA – Vai-te daí, que eu não sou tua mulher, fingido, embusteiro! E não sabes quanto folgo e quanto me alegro de ver-me vingada de ti.

(Vai-se)

SARAMAGO – Vai-te, mofina. O minha Corriola, se te mereço alguma cousa, peço-te que rogues a estes Senhores que me não levem preso assim a sangue frio, ou que me digam o porque vou preso, que eu não o sei.

SOLDADADO – Você não ouviu dizer que ia preso por introduzir o fingido Anfitrião em casa de Alcmena? Pois Tirésias bem claro falou.

ÍRIS – Ah! Uma vez que é por isso, eu pedirei.

SARAMAGO – Ora pede, pede, ainda que finjas duas lágrimas.

ÍRIS – Senhor Soldado, assim Deus o faça Cabo de esquadra, lhe peço com lágrimas de sangue nascidas do meu coração.

SOLDADADO – Diga, Senhora, o que quer?

SARAMAGO – Isso, isso, Corriola, pede nesse tom, que abrandarás uma pedra.

ÍRIS – Peço, Senhor Soldado, que a este pobre Saramago o levem muito bem preso e atracado para que não fuja.

SOLDADADO – Isso farei eu, por te dar gosto.

SARAMAGO – Ah, Senhor Soldado, olhe que ela o que pede é que me solte.

SOLDADADO – Vossa mercê não diz que o leve preso? ÍRIS – Sim, Senhor, ainda que vá a arrastões.

SARAMAGO – O Corriola, isso te merece o meu amor?

ÍRIS – Sim, patife, alcoviteiro, para castigo da tua insolência.

SARAMAGO – A que del-Rei! Senhores, que fiz eu? A todos tomo por testemunha como eu nesta história não fui alcoviteiro de ninguém.

ÍRIS – Levem-no depressa.

SARAMAGO – Ah! cruel, falsa, inimiga, fraudulenta, assim pagas o extremo com que te adoro?

ÍRIS – Vai, vai.

SARAMAGO – Se é tua vontade que eu vá, eu irei. Mas não quero que vás mal comigo. Anda cá, Corriola, que, ainda que tu me desdenhas, eu não posso deixar de te querer, para o que te rogo me dês um abraço. Olha que to peço com choro canoro de minha voz.

(Cantam Saramago e Íris a seguinte)

Ária

SARAMAGO – *A Deus, minha Corriola,*

Dá-me agora um só abraço,

Que eu vou para o cagarrão.

ÍRIS – *Vai-te embora, Saramago,*

Que um abraço e um baração

Na moxinga te darão.

SARAMAGO – *Tu te alegras?*

ÍRIS – *Porque não?*

SARAMAGO – *Tu não choras?*

ÍRIS – *Para quê?*

Deixa dar-me bem risadas.
SARAMAGO – *Tu a rir, eu a chorar.*
AMBOS – *Se Deus inda me der vida*
Infiel, falso/a, homicida,
Outro abraço te hei-de dar.

(Vão-se)

CENA VI

(Cárcere, onde estarão três presas e sai Saramago com correntes e dizem dentro a seguinte)

DENTRO – Lá vai mais esse hóspede. Agasalhem-no bem.

SARAMAGO – Quanto hoje, graças a Deus, não dormiremos na rua. Mas, ai de mim, Saramago! Adonde estou eu? Oh, quem me dissera que, escapando de uma oliveira, viesse a parar em um limoeiro8!

1º PRESO – Senhor camarada, estamos obrigados a agasalhá-lo bem.

2º PRESO – Ande para cá, só amigo.

SARAMAGO – Como hei-de andar, se a minha desgraça tem lançado ferro no mar de meu corpo? Ah, Senhores meus, vejam se me podem tirar estes ferros, que tão aferrados estão. E por mais que os sacudo de mim, cada vez estão mais ferrenhos comigo.

1º PRESO – Também isso não é pelo que eu fiz. Porque te prenderam?

SARAMAGO – Por nada.

1º PRESO – Por nada? Já se vê que é por ladrão.

2º PRESO – Fora, ladrão!

SARAMAGO – Não me ladrem, que não me hão-de morder nessa matéria.

1º PRESO – Isso não nos importa. O que queremos é que nos pague a patente.

SARAMAGO – Bem patente estou eu nesta prisão.

1º PRESO – Andar! Logo pagará, ainda que não queira. Vamos primeiro cá baixo para lhe fazerem o assento.

SARAMAGO – Escuso que me façam o assento, que isso tenho eu feito há muito tempo.

1º PRESO – Quem te fez o assento, se ainda agora entraste?

SARAMAGO – Desde que nasci tenho o assento feito.

1º PRESO – Para que mentes? Aonde te fizeram o assento?

SARAMAGO – Aqui! Vossas mercês não o vêm?

(Aponta para trás)

2º PRESO – É bem desaforado o magano!

1º PRESO – Já que esse é o assento, nós lho faremos mais bem feito com quatro bate-cus.

2º PRESO – Isso é. Suba á polé e de lá nos pagará a patente também. Olhe para ela bem.

SARAMAGO – Irra! Agora isso é mais comprido. Senhores meus, por vida minha que eu não nego o patente, que o patente é cousa que se não pode esconder.

1º PRESO – É para que também não fale com tanta liberdade.

SARAMAGO – Que liberdades pode falar quem a não tem?

1º PRESO – Ande para ali, magano, para que saiba falar bem aos presos veteranos.

2º PRESO – O'lá de cima, deita a corda. Atemo-lo bem, Iça acima.

(Atam-no e sobem-no)

SARAMAGO – A que del-Rei, Senhores, &c.... Ora nunca cuidei que me visse nestas alturas!

AMBOS OS PRESOS – Venham abaixo!

(Largam-no)

DENTRO – Lá vai outro preso.

(Sai Anfitrião)

SARAMAGO – Ainda bem, quanto folgo!

1º PRESO – Aqui não temos que fazer, que este parece ser homem nobre.

2º PRESO – Pois vamos para os nossos camarotes.

(Vão-se)

SARAMAGO – Este agora me pagará a patente. Meus pecados, que é o Senhor Anfitrião!

(Canta Anfitrião a seguinte Ária e)

Recitado:

*Sorte tirana, estrela rigorosa,
Que, maligna, influis com luz opaca
Rigor tão fero contra um inocente!
Que delito fiz eu para que sinta
O peso desta aspérrima cadeia
Nos horrores de um cárcere penoso,
Em cuja triste, lóbrega morada,
Habita a confusão e o susto mora?
Mas se acaso, tirana, estrela ímpia,
É culpa o não ter culpa, eu culpa tenho;
Mas se a culpa que tenho não é culpa,
Para que me usurpais com impiedade
O crédito, a esposa e a liberdade?*

Ária

*Oh que tormento bárbaro
Dentro no peito sinto!
A esposa me desdenha,
A Pátria me despenha,*

*E até o Céu parece
Que não se compadece
De um mísero penar.
Mas, ó Deuses, se sois Deuses,
Como assim tiranamente
A este mísero inocente
Chegais hoje a castigar?*

SARAMAGO – Também vossa mercê cá está. Ora console-se comigo, que *solatium est miseris socios habere Saramagos!*

ANFITRIÃO – Ainda aqui me apareces, infame inimigo? E pois que por tua culpa me vejo nesta prisão, aqui ficarás sepultado, sendo despojo da minha cólera.

(Dá-lhe)

SARAMAGO – Senhor, suspenda o impulso desse pulso. Não bata tão furioso. Deixe ao menos que por um pouco tenha suas intercadências Não basta o estar eu carregado de ferros, mas também de pancadas?

ANFITRIÃO – Tu, traidor, me puseste neste estado.

SARAMAGO – Senhor, explique-se, que eu estou tão inocente como quando nasci da barriga de minha mãe.

ANFITRIÃO – Velhaco, sempre eu disse que tu eras o que maquinavas este enredo: tu foste o que deste a jóia que eu mandava para Alcmena e o que introduziste em casa outro Anfitrião fingido, como tu mesmo confessaste. E não bastava tudo isto, mas ainda ires dizer a Tirésias que eu era o Anfitrião fingido, por cujo motivo aqui estou preso. Que dizes agora? É isto bem feito?

SARAMAGO – Antes que lhe responda, diga-me vossa mercê: isto aqui é cadeia ou casa de doudos?

ANFITRIÃO – Porque perguntas isso?

SARAMAGO – Porque entendo em minha consciência que meteram a vossa mercê aqui por doudo confirmado

ANFITRIÃO – Se tu me fazes doudo, porque o não hei-de estar?

SARAMAGO – Os diabos me levem, se eu falei com Tirésias em matéria tão peçonhenta, Senhor Anfitrião.

ANFITRIÃO – Queres agora negar-me o que eu presenciei? E por sinal disseste que eu tinha untado o rosto com o óleo de um mágico para me parecer com Anfitrião, e que te dera uma bolsa de moedas para tu me introduzires na própria casa de Alcmena.

SARAMAGO – Quem compra e mente, na bolsa o sente. Eu duas vezes o tenho sentido: uma na bolsa, porque a não tenho; outra no corpo, porque tem sido um armazém de pancadas, e agora o vejo já uma lógia⁸³ de ferros, como vossa mercê bem vê. Como se eu todo fora pé de burro, para que todo me cubra uma grande ferradura.

ANFITRIÃO – Não me desesperes mais! Diz-me só com que motivo ou para que fim me levantaste este grande testemunho.

SARAMAGO – Senhor, um testemunho não é cousa tão leve que eu o pudesse levantar. Veja vossa mercê, não dissesse isso o outro Saramago!

ANFITRIÃO – Como pode ser isso, se nesse mesmo instante que o disseste logo te prenderam, sem que ali viesse nem estivesse outro Saramago senão tu.

SARAMAGO – Pois a mim porque me prenderam? Diga-mo vossa mercê, que eu ainda não o sei.

ANFITRIÃO – Por dizeres que me deste entrada em casa de Alcmena, e assim vieste a ter a mesma pena daquele que se fingiu Anfítrião, que dizem era eu, porque tanto peca o ladrão como o consentidor.

SARAMAGO – Eu estou para perder o juízo! Basta que por isso estou preso?

ANFITRIÃO – O preso é o menos; o pior é que o caso é de morte para ambos.

SARAMAGO – Oh! desgraçado Saramago! Quanto melhor te fora seres sempre oliveira verde, que enfim estavas só em um pau, que não agora vir a morrer em três! É possível que sem culpa nos metam aqui e nos queiram matar a ferro frio?

(Grita)

ANFITRIÃO – Cala-te! Não grites!

SARAMAGO – Deixe-me gritar, Senhor. Não vê que estou doudo?

ANFITRIÃO – Já que os fados assim o querem, levemos isto com paciência.

SARAMAGO – Aonde está a paciência para nos ajudar a levar isto?

ANFITRIÃO – Espera, Saramago. Não sentes bulir na porta?

SARAMAGO – Sim, Senhor. Ai de mim, que é o Carrasco! Fujamos, Senhor, fujamos!

ANFITRIÃO – Vês que já abriram a porta?

SARAMAGO – Pois abramos a sepultura.

(Sai Juno com um véu pelo rosto)

ANFITRIÃO – Quem será esta mulher, Saramago?

SARAMAGO – Quem será? Tem bem que ver, é a mulher do Carrasco, que vem fazer as vezes do marido.

JUNO – Anfítrião, vinde para fora comigo e mais esse criado.

SARAMAGO – Não o disse eu? Estamos bem aviados!

ANFITRIÃO – Senhora, antes que vos obedeça desejara saber para que fim nos quereis levar daqui.

SARAMAGO – Tem bem que saber; é para nos torcer o pescoço.

JUNO – Compadecida da vossa inocência, vos venho livrar desta prisão, para o que tenho comprado os guardas e tudo está pronto. Pois não é razão que, sendo vós o verdadeiro Anfítrião, padeçais sendo inocente, ficando sem castigo o outro fingido.

ANFITRIÃO – Senhora, para uma obrigação tão grande qualquer rendimento é diminuto. E assim, para que algum dia vos pague tanto benefício, estimara saber a quem devo a vida e a liberdade.

JUNO – Algum dia o sabereis.

SARAMAGO – E ainda que o não saiba não importa. Saiamos nós daqui, ainda que seja por arte do demónio ou pela arte de berliques-berloques.

JUNO – Vamos

SARAMAGO – Senhora, e quem nos há-de tirar estas cadeias, com quem não estamos muito correntes?

JUNO – Andai, que para tudo há remédio.

ANFITRIÃO – Ingrata Tebas, estes foram os prémios que só de ti recebi!

JUNO – Ingralo Júpiter, assim se sabe vingar a Deusa Juno de ti.

SARAMAGO – Ingrata Cornucópia, agora eu bem me ri de ti.

(Vão-se)

CENA VII

(Templo de Júpiter, e irão saindo todas as Figuras conforme vão falando)

TIRÉSIAS – Anda, infelice Alcmena, a pagar com a vida o delito de tua fragilidade, nas aras do supremo Júpiter. *(À parte)* Ai, amor cego, que cego me arrasta a tua grande cegueira!

ALCMENA – Que é o que ouço? É possível que ainda tenho vida, havendo de perdê-la sem culpa, sem ofensa e sem delito?

CORNUCÓPIA – Ai, minha Senhora Alcmena, quem dissera ao Senhor seu pai que para isto a criava!

POLIDAZ – Horror me causa tão funesto espectáculo!

JÚPITER – Mercúrio, é tempo de desfazer o enigma, pois isto chegou ao último ponto.

MERCÚRIO – Digo, Júpiter, que isto havias ter feito há mais tempo, e escusaria Alcmena de passar este susto.

JUNO *(à parte)* – Tirésias, acabamos com isto, para que acabe a minha vingança e comece a ter posse a tua esperança.

ALCMENA – Ah, cruel Felizarda, não te bastou conduzir-me ao suplício, mas ainda vens gloriar-te de ver o meu estrago e a minha morte?

JUNO *(à parte)* – Não quero responder.

ÍRIS – Já estás vingada.

ALCMENA *(Para Júpiter)* – E tu, cruel, se não podes remediar a minha pena, para que vens ser testemunha da minha mágoa?

JÚPITER – Porque me não posso apartar de ti, até que a morte te separe de mim.

TIRÉSIAS – Alcmena, como o Juiz é somente um mero executor da lei, por isso não estranhes.

(Com ruído sairão Anfitrião e Saramago)

ANFITRIÃO – Que omissão é esta? Ainda está esta tirana inimiga por castigar? Se por ventura falta quem execute a sentença, aqui estou eu, que vingarei a injúria da lei e a minha injúria.

SARAMAGO – Isso é fazer de uma via dous mandados.

TIRÉSIAS – Que é isto? Como te atreves, em ludíbrio da justiça, aparecer aqui, estando duas vezes criminoso, uma por impostor e falsário e outra por fugir da prisão?

ANFITRIÃO – Porque quis testemunhar o estrago desta traidora, para suavizar com este desafogo a tirania com que me quereis tirar a vida. E, se eu por um delito imaginário hei-de padecer, que importa que me constitua réu da fuga do cárcere?

SARAMAGO – Essa é a verdade: preso por mil, preso por mil e quinhentos.

POLIDAZ – Também o criado aqui está? Com que atrevimento fugiste?

SARAMAGO – Porque mais vale uma hora solto, que toda a vida preso.

CORNUCÓPIA – Ainda escapou o maldito?

ALCMENA – Para ser mais penosa a minha morte, ainda faltava ver a causa de minha infelicidade.

MERCÚRIO – Senhor, que determinas?

JÚPITER – Logo verás, Mercúrio.

JUNO – Tirésias, em que nos dilatamos?

TIRÉSIAS – Certamente me horroriza castigar uma inocente. Alcmena, é chegada

a ocasião de que sejas vítima humana nas aras de Júpiter.

ALCMENA – Tirésias, adverti que os Deuses não permitem, nem as leis ordenam, que, sem culpa, morra uma inocente. E pois entre os homens não acho piedade, recorrerei á esfera soberana dos Deuses, com suspiros nascidos de um peito casto e inculpável. O Júpiter soberano, como consentis que morra Alcmena sem culpa?

JÚPITER – Tende mão, Tirésias, suspendei o golpe.

TIRÉSIAS – Tu não podes mandar sobre a lei.

JÚPITER – Nem a lei manda que morra uma inocente; porque aquele que julgais ser o fingido Anfitrião, é o verdadeiro esposo de Alcmena.

TIRÉSIAS – Logo, tu és o fingido, e como tal morrerás, por incorreres no mesmo delito, e sempre Alcmena fica com a mesma pena.

ANFITRIÃO – Já que se conheceu a verdade, castigue-se esse traidor e esta aleivosa também.

JÚPITER – Quanto a mim, ninguém me pode castigar.

TIRÉSIAS – Pois quem sois vós, para vos isentares do rigor da lei?

JÚPITER – Eu vos respondo.

CENA VIII

(Muda-se, de repente, a perspectiva do Templo e aparece a Sala Empírea, como no princípio, e esconde-se Júpiter e Mercúrio fingidos, aparecendo os do princípio, e canta Júpiter o seguinte)

Recitado

*Sabei que Jove sou Omnipotente,
Que abrasado de amor da bela Alcmena
Vendo ser impossível o alcançá-la,
Tomei de Anfitrião a forma humana,
Com a qual, disfarçado, entre vós outros
Este dia passei. E pois Alcmena,
Como humana não pode
Resistir a um Divino impulso ardente,
Ficará perdoada, sem que tenha
Ofensa nisso Anfitrião valente,
Pois desse passatempo que aqui tive
Hércules nascerá, a cujo esforço
Rendido cederá todo o Universo,
Pagando nesta forma
Este engano de amor, esta violência,
Em dar-lhe tão Divina descendência.*

TODOS – Que assombro! Que admiração!

ANFITRIÃO – Oh! mil vezes feliz eu, que tive a fortuna de que o mesmo Júpiter quisesse divinizar o meu venturoso tálamo!

ALCMENA – Passei de um instante do maior mal ao maior bem. Esposo Anfitrião, dá-me os parabéns de tanta felicidade.

ANFITRIÃO – Sejam recíprocos, querida Alcmena, que quando as tuas ofensas

para mim são glórias, que fará quando me não ofendes?

SARAMAGO – Eu sempre ouvi dizer que o Senhor Júpiter era um fero tonante.

JUNO – Já agora descansará o meu coração.

CORNUCÓPIA – Ai, que assim estou contente!

TIRÉSIAS – Flérída, bem vês que por mim não esteve o não executar o teu preceito! E assim é tempo de cumprires a tua palavra.

JUNO – Atendei-me primeiro: Alcmena, por que não fique sem fim a minha história, saberás que aquele mancebo muito galhardo e juvenil, morador no monte Olimpo, é Júpiter, que ali vês, e eu a Deusa Juno, sua esposa, que, zelosa, vim a tua casa para o apartar de teus braços. E pois já o consegui, irei para os de meu esposo. Com que, Tirésias, sendo eu quem sou, mal poderia cumprir a palavra que vos dei, que foi só a fim de me vingar de Alcmena.

TIRÉSIAS – Dou-me por satisfeito em saber cumprir vossos desejos.

JÚPITER – Só Juno podia conspirar tão cruelmente contra Alcmena.

SARAMAGO – Sem dúvida, a Senhora Juno foi a que me converteu em oliveira, e o Senhor Júpiter o que me desconverteu.

MERCÚRIO – E, para que se saiba tudo, eu sou Mercúrio, que para acompanhar a Júpiter, tomei a forma de Saramago, que já lha restitui fielmente, como bem vistes.

ÍRIS – Pois se Júpiter, para lograr os favores de Alcmena, se valeu das indústrias de Mercúrio, também Juno, para desvanecer os incêndios de Júpiter, quis que eu, que sou a Ninfa Íris, a acompanhasse, para serenar a tempestade dos seus zelos. E como tenho conseguido este intento, irei a acompanhar outra vez a Deusa Juno, como fiel súbdita dos seus preceitos.

SARAMAGO – E que caísse eu na corriola de namorar a uma Ninfa dos arcos do Rossio Celeste! Ora sou um grande asno!

ANFITRIÃO – Tudo o que vejo são assombros!

ALCMENA – Tudo pasmos!

POLIDAZ – Tudo admirações!

CORNUCÓPIA – Ai, venturosa de mim, que tive a Mercúrio em meus braços!

SARAMAGO – Dessa sorte bem podes dar duas figas ao Gálico.

JÚPITER – E por que Anfitrião fique de todo satisfeito, coroe-se do laurel glorioso, como valente vencedor dos Telebanos, pois eu fui o que por ele triunfei no Senado. E assim, ao generoso braço de Anfitrião dai as devidas aclamações, repetindo todos no mesmo triunfante Coro:

CORO

O Númen supremo

Do Olimpo Sagrado

Suspira abrasado

De um cego furor.

Que pasmo! Que assombro!

Que voe tão alta

A seta do amor!

Obra digitalizada e revista por José Barbosa Machado. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2002

<http://www.ipn.pt/literatura>
